

todos os lados iniciativas de projetos que combina desenvolvimento com preservação ambiental, o que nós chamamos de desenvolvimento sustentável. Só dentro da *Verde para Sempre* temos 6 projetos de manejo florestal comunitário, um modelo de desenvolvimento sustentável que se confronta com a exploração devastadora daqueles que são contra preservação ambiental. Os devastadores estão derrubando áreas enormes por conta própria sem nenhuma legalidade ambiental e vocês sabem que com isso vai junto toda a natureza daquela área: plantas, animais e toda a biodiversidade. Depois eles tocam fogo que queima tudo e fica somente as cinzas. Isso nos preocupa muito, pois os primeiros afetados somos nós que aqui moramos. Há também uma explosão de garimpos ilegais que estão contaminando os rios e o subsolo. A pesca predatória voltou e isso ameaça o futuro das espécies. A grilagem de terras também voltou. E nós quando questionamos toda essa destruição somos ameaçados e corremos sérios riscos. Bolsonaro não conhece a Amazônia e não tem nenhuma responsabilidade com o povo que aqui mora. Ele acusar as ONGs de causarem as queimadas é uma cara de pau de um presidente mentiroso. Ele sabe quem são os destruidores, mas ele prefere inverter as coisas e acusar quem luta em defesa da Amazônia. É típico dele fazer isso. Nós convivemos com o medo constante quando se trata de meio ambiente. Bolsonaro é a certeza da impunidade para o que está acontecendo na Amazônia. Não é atoa que ele desmonta o IBAMA e o ICMBio. Os ruralistas da Amazônia querem que Bolsonaro revogue as reservas nesta região. Ainda essa semana um grupo da região Norte se reuniu com a secretária de agricultura e pediram a revogação das reservas. Bolsonaro tem culpa sim do que está acontecendo na Amazônia, o discurso dele incentiva essas práticas. Não é só as queimadas, a destruição é muito maior!

48. Acusação de Lula é confirmada: fazendeiros bolsonaristas incendiam a Amazônia

<https://www.brasil247.com/brasil/acusacao-de-lula-e-confirmada-fazendeiros-bolsonaristas-incendiam-a-amazonia>

Acusação feita pelo ex-presidente Lula em sua entrevista à TV 247 está confirmada: fazendeiros bolsonaristas responsáveis por incêndios que devastam a floresta amazônica há pelo menos duas semanas. Um grupo de 70

ruralistas articularam em grupos de WhatsApp o "Dia do Fogo" na região de Altamira, no Pará, no dia 10 de agosto passado. É esta a região que lidera o número de incêndios e desmatamentos no Brasil. A sequência de incêndios criminosos foi marcado para mostrar apoio às ideias Bolsonaro de acabar com a fiscalização do Ibama e conseguir perdão das multas pelas inúmeros infrações cometidas pelos ruralistas ao Meio Ambiente.

25 de agosto de 2019, 19:49 h Atualizado em 25 de agosto de 2019, 19:52

•



(Foto: Divulgação-PR)

247 - Acusação feita pelo ex-presidente Lula em sua [entrevista à TV 247](#) está confirmada: fazendeiros bolsonaristas responsáveis por incêndios que

devastam a floresta amazônica há pelo menos duas semanas. Um grupo de 70 ruralistas articularam em grupos de WhatsApp o "Dia do Fogo" na região de Altamira, no Pará, no dia 10 de agosto passado. É esta a região que lidera o número de incêndios e desmatamentos no Brasil. A sequência de incêndios criminosos foi marcado para mostrar apoio às ideias Bolsonaro de acabar com a fiscalização do Ibama e conseguir perdão das multas pelas inúmeras infrações cometidas pelos ruralistas ao Meio Ambiente.

PUBLICIDADE

A revelação é da revista Globo Rural, em [reportagem](#) do jornalista Ivaci Matias, que escreveu diretamente de Cachoeira da Serra, o distrito de Altamira que concentra a ruralistas mais agressivos na ocupação das terras, combate aos sem terra e pequenos agricultores e maiores taxas de devaatação do Estado, um dos mais castigados pela ação predatória. O que acontece em Altamira desde 10 de agosto, segundo o jornalista, é "a maior queimrada da história do Pará".

A reportagem confirma a percepção que levou Lula a apontar os ruralistas da base de Bolsonaro como responsáveis pelos incêndios. "É só pegar fotografias de satélites, saber quem é o proprietário de terra que está queimando e ir atrás do proprietário da terra para saber quem botou fogo. Se o dono da terra não reclamou, não foi à polícia dar queixa de que teve incêndio na terra dele, é porque foi ele quem botou fogo", disse Lula à TV 247 na última quinta-feira (22).

Segundo a reportagem, a pedido do Ministério Público de Novo Progresso, o Delegado Daniel Mattos Pereira, da Polícia Civil, já ouviu algumas pessoas ligadas ao "Dia do Fogo", até agora ninguém foi preso.

Pegos em flagrante, os ruralistas utilizam a mesma estratégia de Bolsonaro, que chegou a acusar as ONGs pelos incêndios. Segundo o jornalista Ivaci Matias, os fazendeiros da região acusam o ICMBio [a sigla se refere ao

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade], autarquia federal que é a polícia ambiental para a proteção da biodiversidade em todo o Brasil. O órgão é visto pelos ruralistas como seu inimigo e tem sido alvo de toda sorte de intervenções e desestruturação pelo ministro do Meio Ambiente de Bolsonaro, Ricardo Salles.

A acusação dos ruralistas é tão inverossímil como a de Bolsonaro, mas eles contam com a máquina de fake news do bolsonarismo para fazer prevalecer sua versão. Ambos, Bolsonaro e sua base rural, não devem ter sucesso desta vez.

A acusação de Lula agora está comprovada. Da cadeia, ele apontou para os culpados.

49. Lindo e triste texto do Luiz Alberto Cassol

Ontem ao assistir pelo Canal Brasil a premiação do 47º Festival de Cinema de Gramado o momento mais marcante para mim foi a fala do diretor Emiliano Cunha quando subiu ao palco para receber uma das premiações de seu belíssimo filme Raia 4.

Existe no relato do Emiliano algo que não pode ser relativizado em qualquer hipótese, em nenhum contexto.

"Estou tremendo aqui não pela emoção de receber um Kikito, mas porque agora há pouco eu estava passando com minha filha de dois anos no colo e um cara nos jogou pedras de gelo. Quando eu me virei para ele mostrando que eu estava com minha filha, ele voltou a jogar. Só quando eu apontei a câmera aí ele se escondeu, como costumam fazer os covardes que realizam esse tipo de agressão".

Ele se referia ao fato de que dezenas de artistas, de todas as funções do audiovisual, ao passarem pelo tapete vermelho na entrada do festival, antes da premiação, fizeram um pacífico protesto em favor da arte.

Segurando cartazes de filmes brasileiros e faixas em defesa do cinema artistas entoavam: "Pelo cinema, pela cultura, por uma arte livre e sem censura."

Foi nessa hora que começaram a ser agredidos fisicamente por pedras de gelo arremessadas por pessoas que estavam em alguns bares que ficam ao lado da rua coberta que dá acesso ao festival. Ainda foram atirados restos de comida somados a gritos de vagabundos perante o manifesto artístico.

A covardia do arremesso de pedras de gelo contra uma criança de dois anos durante uma festa de celebração da arte cinematográfica é de um significado único. Denota a incapacidade de ver no outro ser humano a possibilidade de qualquer diálogo ou aproximação. Não se pode relativizar isso, reitero.

A estupidez expressa no ato de atirar pedras de gelo numa criança - que está no colo do pai artista propondo respeito pela cultura – é a mais absoluta certeza do ódio proposto e propagado por um presidente a cada fala, a cada atitude, a cada gesto. É o respaldo a esse sujeito das pedras tendo seu espelho, seu reflexo, sua autorização vinda de quem lhe é par e pensamento.

No entanto, não há possibilidade de calarem artistas. Temos plena ciência do que fazemos e geramos.

Aliás, esse foi o teor de todas as falas de quem subia ao palco do festival. Uma demonstração marcante de união e resistência.

Empatia tem sido uma palavra dita dezenas de vezes nas mais diferentes manifestações.

Diálogo e respeito é o que artistas exigem. E prosseguiremos, sempre. O sujeito das pedras e seus pares devem saber que seguiremos. A arte é libertária!

É na arte que encontramos vida e reflexão. E é na fruição dela que o público se encontra, se inquieta, se questiona e vive. É assim em toda a história, e continuará sendo."Lindo e triste texto do Luiz Alberto Cassol

Ontem ao assistir pelo Canal Brasil a premiação do 47º Festival de Cinema de Gramado o momento mais marcante para mim foi a fala do diretor Emiliano Cunha quando subiu ao palco para receber uma das premiações de seu belíssimo filme Raia 4.

Existe no relato do Emiliano algo que não pode ser relativizado em qualquer hipótese, em nenhum contexto.

"Estou tremendo aqui não pela emoção de receber um Kikito, mas porque agora há pouco eu estava passando com minha filha de dois anos no colo e um cara nos jogou pedras de gelo. Quando eu me virei para ele mostrando que eu estava com minha filha, ele voltou a jogar. Só quando eu apontei a câmera aí ele se escondeu, como costumam fazer os covardes que realizam esse tipo de agressão".

Ele se referia ao fato de que dezenas de artistas, de todas as funções do audiovisual, ao passarem pelo tapete vermelho na entrada do festival, antes da premiação, fizeram um pacífico protesto em favor da arte.

Segurando cartazes de filmes brasileiros e faixas em defesa do cinema artistas entoavam: "Pelo cinema, pela cultura, por uma arte livre e sem censura."

Foi nessa hora que começaram a ser agredidos fisicamente por pedras de gelo arremessadas por pessoas que estavam em alguns bares que ficam ao lado da rua coberta que dá acesso ao festival. Ainda foram atirados restos de comida somados a gritos de vagabundos perante o manifesto artístico.

A covardia do arremesso de pedras de gelo contra uma criança de dois anos durante uma festa de celebração da arte cinematográfica é de um significado único. Denota a incapacidade de ver no outro ser humano a possibilidade de qualquer diálogo ou aproximação. Não se pode relativizar isso, reitero.

A estupidez expressa no ato de atirar pedras de gelo numa criança - que está no colo do pai artista propondo respeito pela cultura – é a mais absoluta certeza do ódio proposto e propagado por um presidente a cada fala, a cada atitude, a cada gesto. É o respaldo a esse sujeito das pedras tendo seu espelho, seu reflexo, sua autorização vinda de quem lhe é par e pensamento.

No entanto, não há possibilidade de calarem artistas. Temos plena ciência do que fazemos e geramos.

Aliás, esse foi o teor de todas as falas de quem subia ao palco do festival. Uma demonstração marcante de união e resistência.

Empatia tem sido uma palavra dita dezenas de vezes nas mais diferentes manifestações.

Diálogo e respeito é o que artistas exigem. E prosseguiremos, sempre. O sujeito das pedras e seus pares devem saber que seguiremos. A arte é libertária!

É na arte que encontramos vida e reflexão. E é na fruição dela que o público se encontra, se inquieta, se questiona e vive. É assim em toda a história, e continuará sendo."

50. Getúlio Vargas, a Petrobrás e o silêncio dos militares.

Jean Paul Prates - Senador (PT-RN)

O senador Jean Paul Prates (PT-RN), vice-presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Petrobrás, escreve sobre os 65 anos do suicídio de Getúlio Vargas, completados neste sábado (24) sua importância para o país, e o ataque atual à empresa petrolífera do coração do povo brasileiro. "Nos 65 anos da morte de Getúlio, o Brasil parece retroceder no tempo. Neste dia 24 de agosto, o mais notório sucessor e herdeiro de Getúlio, o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, hoje o mais influente político brasileiro no mundo, está preso injustamente".

24 de agosto de 2019, 10:28 h

Neste sábado, o Brasil relembra os 65 anos da morte de Getúlio Vargas. O presidente da República mais influente e popular do Brasil no século 20 tirou a vida na madrugada de 24 de agosto de 1954. O gesto dramático – um tiro no peito – foi o último esforço para barrar a sanha golpista que varria o Brasil naquele período. Sua morte mudou o curso da história do país, adiou o golpe por quase 10 anos e alterou radicalmente a cena política brasileira.

PUBLICIDADE

Não há paralelo para a importância de Getúlio Vargas na história do país. Foi ele quem criou o moderno Estado brasileiro, ao fundar a Petrobrás e a Eletrobrás, criar a Companhia Siderúrgica Nacional e estabelecer um marco legal para a relação entre capital e trabalho. Foi ele quem criou as bases do Brasil democrático, mesmo tendo sido um ditador na década de 30.

O ideário de Vargas, de tornar o Brasil uma nação moderna, com justiça social e oportunidade para todos, parece distante. A sensação é agravada pelos retrocessos do presente. O presidente Jair Bolsonaro é responsável por este presente feio, disruptivo, intimidador, antidemocrático e entreguista. O presente das queimadas, do desmatamento, da fome nas cidades e da violência nas ruas. O presente das privatizações e da entrega do patrimônio público. O Brasil assiste, atônito, a um governo cujo único propósito é destruir a débil política de bem-estar social, desenhada pela Carta de 1988 e golpeada em 2016 pelo impeachment fraudulento de Dilma Rousseff.

Bolsonaro quer entregar nossas riquezas e se colocar na posição subalterna ante os Estados Unidos. Faz um governo para atacar a soberania, ignora o sofrimento do povo e arranca do orçamento qualquer investimento em saúde, educação e cultura. Em nome do mercado, promete entregar empresas como a Eletrobrás e a Petrobrás.

ALVO É O PETRÓLEO

Precisamos ter clareza: o petróleo é o alvo. O Brasil hoje acumula mais de US\$ 1 trilhão em reservas de petróleo apenas no pré-sal. Em maio, bateu recorde de produção diária de petróleo e gás de quase 3,5 milhões de barris de petróleo equivalente. Mesmo com todos os problemas recentes e sofrendo toda sorte de ataques, a Petrobras está entre as 10 maiores petrolíferas do mundo. É patrimônio do povo brasileiro. Não pode ser usada como instrumento de destruição da economia e da soberania nacional. A política de desinvestimento da Petrobras, com a entrega de subsidiárias, é um erro. E não apenas estratégico, mas porque os valores são ridículos. O Congresso é ignorado e as

vendas são anunciadas sem discussão no Parlamento. Assim, venderam redes de gasodutos, no Nordeste e no Sudeste, por US\$ 15 bilhões. Entregaram o controle da BR Distribuidora por R\$ 8,6 bilhões. E pretendem imolar oito refinarias por US\$ 20 bilhões. É pouco.

Pior. Paulo Guedes já fala abertamente na privatização da empresa e Roberto Castello Branco escancara o próximo ato antes da entrega do botim: o fim do regime de partilha do pré-sal. Não é possível que o agronegócio, a indústria e os militares não vejam o potencial destrutivo do desmanche promovido na Petrobras. Fala-se pouco, mas é preciso ter clareza. A disputa por petróleo é o que define a geopolítica no mundo. É por causa do petróleo e do pré-sal que Dilma Rousseff e a Petrobras foram alvos de espionagem da NSA, a agência de segurança dos Estados Unidos.

É por causa do petróleo e do pré-sal que a Lava Jato, sob a desculpa de travar uma guerra contra a corrupção, atacou a própria Petrobras, induzindo-a a forjar um acordo com o Departamento de Justiça americano, obrigando-a a pagar R\$ 2,5 bilhões para um fundo privado, além de multa de US\$ 682,5 milhões a investidores americanos. Um escândalo.

CONSUMO E RESERVAS

O ouro negro é o que mantém girando a roda da economia mundial. A cada ano, o mundo bate recorde no consumo de petróleo. Em 2019, o consumo vai superar a marca diária de 100 milhões de barris. E poucas nações têm reservas para enfrentar um futuro que assegure um caminho de desenvolvimento econômico e social. A Venezuela é hoje o país com as maiores reservas do mundo: 300,9 bilhões de barris. O segundo é a Arábia Saudita, com 266,5 bilhões de barris. O Canadá está em terceiro, com 169,7 bilhões de barris. O Brasil aparece na 15ª posição, com 12,7 bilhões de barris. E nem esgotamos as pesquisas em campos a serem descobertos nos mares brasileiros.

O pré-sal é a última fronteira de petróleo a ser explorada no mundo nas próximas décadas. Este é o tabuleiro da guerra assimétrica que o Brasil enfrenta. Nada mal para quem nos anos 50 tinha poucos poços de petróleo em regiões do sertão nordestino e em Cubatão. Hoje está entre as 10 maiores produtoras do mundo.

Tal resultado não é banal. Veio com esforço, empenho de homens e mulheres, pesquisadores, engenheiros, trabalhadores, patriotas e chefes de Estado – como Getúlio, Lula e Dilma Rousseff. Gente com visão de país e projeto para o povo. Isso tudo é fruto da ação do Estado brasileiro. Este mesmo Estado que Paulo Guedes e Bolsonaro sonham em destruir de maneira afrontosa.

PAPEL DO EXÉRCITO

O futuro que se avizinha com este governo é sombrio. E isso ocorre, ironicamente, com o governo com o maior número de autoridades egressas das Forças Armadas e o próprio presidente da República é um capitão do Exército. Este mesmo Exército que foi vital para tirar a Petrobras do papel ainda nos anos 40 e transformá-la na maior empresa do Brasil e numa das mais importantes do mundo.

Vale lembrar que o sonho da Petrobras nasceu dentro do Exército. Em 1938, o Estado Maior das Forças Armadas foi quem primeiro apontou a necessidade de uma política para o petróleo, propondo o monopólio estatal. Em 29 de abril de 1938, Getúlio Vargas criou o Conselho Nacional do Petróleo, restringindo o refino de óleo a empresas formadas por brasileiros natos. O primeiro presidente do conselho foi o General Horta Barbosa. Foi quando o petróleo jorrou no país pela primeira vez, em 1939, em Lobato, na Bahia. Também foi sob a liderança deste militar que foram iniciados estudos para a refinaria de Mataripe, também na Bahia.

O que hoje é realidade palpável em reservas robustas de petróleo parecia uma miragem há 70 anos. Em novembro de 1942, o Brasil só se convenceu de que havia farto petróleo no país quando o jornalista Samuel Wainer, na revista

Diretrizes, entrevistou o geólogo Glen Ruby. E este americano, responsável pela descoberta de petróleo na Terra do Fogo, abriu o jogo: “Existe muito petróleo no Brasil”. E advertiu: “Só as nações que controlam sua energia podem controlar seu destino”.

HISTÓRIA DE LUTA

Entre 1945 e 1953, quando Getúlio criou a Petrobrás, foi pela ação dos militares que o sonho de o Brasil desenvolver uma indústria de petróleo deixou de ser miragem e passou a ser possível. Em 1947, o Clube Militar deflagrava um movimento contrário a abertura do mercado de petróleo ao capital estrangeiro. Nos debates, foi o General Horta quem fez a defesa fervorosa do monopólio estatal.

Em 21 de abril de 1948, um ato no Automóvel Clube do Rio marcava a ampla rejeição dos brasileiros ao projeto do Estatuto do Petróleo, que abria o mercado. Nascia ali o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. A entidade civil reuniu militares, civis, intelectuais, estudantes e trabalhadores em torno da campanha do “petróleo é nosso”. O centro era presidido pelo General Felicíssimo Cardoso, chamado de “General do Petróleo”. Era tio de Fernando Henrique Cardoso.

Quando Getúlio Vargas iniciou seu segundo governo, em 1951, o movimento de opinião pública tinha preparado o terreno para o projeto de lei que viria a dar vida à Petrobrás. Entre 1951 e 1953, o país assistiu a um intenso debate sobre a conveniência de se criar uma empresa para explorar e refinar o petróleo. Até que, em 21 de setembro de 1953, a Câmara aprovou o projeto. Nascia a Petrobras, empresa de capital misto, com controle da União. A Lei 2004 foi sancionada por Getúlio em 3 de outubro de 1953. Seis meses depois, em 10 de maio de 1954, a Petrobras entrava em atividade. Herdava do Conselho Nacional do Petróleo, criado nos anos 30 pelo Exército, poucos campos de petróleo, com capacidade de produção diária de 2.700 barris, além da refinaria de Mataripe, que processava 2,5 mil barris por dia.

Quando Getúlio se suicidou, dali a três meses, pressentia que estava em jogo o destino da nação, cujas reservas de petróleo já eram alvo da cobiça de interesses estrangeiros. Na sua carta de despedida, em que diz sair da vida para entrar na história, aponta: “Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, mal começa esta a funcionar a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre, não querem que o povo seja independente”.

Nos anos 70, em plena ditadura militar, sob a liderança do General Ernesto Geisel, a Petrobras deu outro salto. Além de prospecção, produção e refino, transformou a insuficiência em superávit. Geisel implementou a política de conteúdo nacional, por meio do fortalecimento das compras internas. Com isso, milhares de empresas nacionais se desenvolveram. Na administração deste general, construiu-se mais refinarias e começou a exploração em “águas profundas”, que resultou nos anos 2000 na descoberta do pré-sal pelo governo Lula.

SILÊNCIO DA CASERNA

A amarga ironia dos nossos tempos é que os militares, defensores da criação da Petrobras e que lutaram – dentro e fora do governo e do Brasil – em defesa dos interesses nacionais, hoje estão calados quanto ao destino do país e da empresa. Não se sabe o que generais pensam da venda de ativos da Petrobras – das refinarias aos gasodutos, passando pela distribuidora – ou do desmanche da empresa, cuja política de preços com paridade no dólar é uma afronta à soberania. Nem mesmo o que pensam da venda da Eletrobrás.

Jair Bolsonaro, que nos anos 90 era crítico à quebra do monopólio do petróleo aprovada por Fernando Henrique Cardoso, hoje tem o neoliberalismo como bandeira. O capitão do Exército é quem mantém no seu ministério um grupo de economistas que aposta no neoliberalismo tardio, moldado pela Escola de Chicago, incapaz de acenar com dias melhores para o povo. O mesmo governo

que mantém inalterado o status quo, remunerando os mais ricos, mantendo o país com a maior concentração de renda do planeta e as mais elevadas taxas de desigualdade entre todas as democracias. É triste que seja assim. Difícil encarar o fato de que o Exército do General Horta, do General Felicíssimo e do General Geisel, de tanto nacionalismo, esteja silente ante os desmandos e os ataques à soberania nacional.

A SOLUÇÃO NA CELA

Nos 65 anos da morte de Getúlio, o Brasil parece retroceder no tempo. Neste dia 24 de agosto, o mais notório sucessor e herdeiro de Getúlio, o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, hoje o mais influente político brasileiro no mundo, está preso injustamente, condenado sem provas e em um processo que, sabe-se agora, por conta do The Intercept Brasil, repleto de ilegalidades, vícios e fraudes. Daí que é preciso denunciar os ataques à soberania e dizer que a solução para o país está numa cela. Lula está preso, mas não está morto.

Em setembro, o país assistirá a um grande ato em defesa da soberania nacional, como em outros momentos da nossa história, quando os democratas estarão mais uma vez reunidos. Líderes políticos, partidos, parlamentares, estudantes, trabalhadores, militantes sociais e representantes de entidades da sociedade civil vão lançar a Frente em Defesa da Soberania Nacional.

A luta contra os desmandos nos obriga a nos mantermos alertas e firmes. Não percamos a esperança.

Viva Getúlio Vargas! Viva Lula! Viva o povo brasileiro!

51. O que poderia ser o Brasil. Nada sobrou

Milton Saldanha, jornalista.

Imaginem o que seria o Brasil se hoje tivesse uma malha ferroviária cobrindo seu território, inclusive com trens de alta velocidade, com tecnologia de ponta, como ocorre na Europa. Nessa malha, concorreriam diferentes companhias, disputando pela qualidade passageiros e cargas. Se tivesse uma indústria ferroviária, suprindo o setor com novas composições, além de cuidar da manutenção. Formando profissionais em escolas técnicas e faculdades especializadas. Se tivesse duas empresas de navegação, uma de cabotagem (costeira, no litoral nacional) e outra fazendo rotas internacionais. Mesclando o transporte de pessoas e cargas, com turismo integrado às cidades portuárias. Se tivesse uma indústria naval pujante, concorrendo com os melhores estaleiros do mundo. Com uma escola naval civil, formando marujos e oficiais, reservas naturais da Marinha de Guerra. Que seria suprida em barcos e equipamentos por essa indústria local, sem necessidade de importar sucatas. Se tivesse uma indústria automobilística genuinamente nacional, sem prejuízo da concorrência do capital estrangeiro, que aqui quisesse investir dentro de regras não predatórias. Se tivesse várias empresas aéreas brasileiras, inclusive regionais, chegando a pontos do território hoje só alcançáveis de forma precária, por terra ou rios. Se tivesse sua indústria aeronáutica intacta, recebendo investimentos. Exportadora, como foi a Embraer. Se tivesse um transporte urbano sobre trilhos de estilo também europeu, com conforto, não poluidor, de baixo ruído, movido por energia elétrica. Se tivesse empresas públicas de ônibus urbanos cobrindo as linhas não rentáveis, que o setor privado recusa, mas onde vivem pessoas que precisam do transporte diário. Teria mais. Mas vamos ficar por aqui. Tudo isso o Brasil já teve. Bastaria ter atualizado, com investimentos em materiais e na formação de mão de obra especializada. Mas tudo isso foi sucateado, fechado, vendido a monopólios estrangeiros. A preços de banana. Processo iniciado nos anos 1960 e nunca mais revertido. Nada sobrou. Hoje, sequer temos uma empresa aérea nacional. Imaginem quantos empregos estariam agora disponíveis. E que potência poderia ser o Brasil. Acabou? Ainda não. A meta é entregar o filé chamado Petrobrás. Aí ficará consumado o projeto de transformar nosso país num imenso condomínio mundial, onde todos serão donos. Menos nós.

(Poderia ter apontado aqui todas as empresas e escolas profissionais que perdemos, ao longo de décadas, mas alongaria muito o texto).



52. Amazônia é tema de editoriais críticos pelo mundo;

WSJ defende Bolsonaro

https://brasilianismo.blogosfera.uol.com.br/2019/08/26/amazonia-e-tema-de-editoriais-criticos-pelo-mundo-wsj-defende-bolsonaro/?utm_source=chrome&utm_medium=webalert&utm_campaign=noticias

Daniel Buarque

26/08/2019 07h56

Menos de uma semana depois de [os incêndios na Amazônia se tornarem um dos principais assuntos nas manchetes dos jornais internacionais](#), retratando o Brasil em chamas, e de [as primeiras análises responsabilizarem o governo do presidente Jair Bolsonaro pelo descontrole na destruição](#) da floresta, o tema ganhou espaço nos textos editoriais e de opinião da imprensa estrangeira.

Na maior parte das publicações, o tom adotado continua sendo de forte crítica ao presidente e à postura do governo em relação ao ambiente desde a eleição do ano passado, mas a intensidade da crítica e o foco da análise se tornaram mais variados.

Pela primeira vez, aparecem veículos que adotam um tom mais favorável ao governo. O jornal de economia The Wall Street Journal, por exemplo, defende que o Bolsonaro está conseguindo avançar com sua política econômica, e que o desenvolvimento pode ser a melhor forma de proteger a floresta.

Um dos pontos centrais para muitos desses veículos é tentar explicar por que a crise atual na floresta é tão importante –o que é [fortemente associado ao discurso do governo em relação ao ambiente e à preocupação internacional](#)

[com tentar evitar que a destruição ultrapasse o limite](#) de recuperação da floresta.

Além disso, é frequente a discussão sobre as formas pelas quais o mundo pode pressionar o Brasil a proteger a floresta e ajudar o país a combater sua destruição.

Veja abaixo alguns dos principais editoriais sobre a Amazônia publicados na imprensa internacional nos últimos dias.

Le Monde



The screenshot shows the Le Monde website interface. At the top, there is a navigation bar with categories: ACTUALITÉS, ÉCONOMIE, VIDÉOS, OPINIONS, CULTURE, M LE MAG, and SERVICES. The main content area features an editorial titled "L'Amazonie, bien commun universel" by Le Monde, published on August 24, 2019. The article's text states that the alarming increase in fires in the Amazonian forest is not only a concern for Brazil but for the entire planet. Below the text is a photograph of a forest fire at dusk. To the right of the main article is a sidebar titled "Les plus lus" (Most Read) with two items: "1 Au sommet du G7, le nucléaire iranien, l'Amazonie et la Russie au cœur des discussions" and "2 Au sommet du G7 à Biarritz, Donald Trump adoube Boris Johnson".

Consulter le journal

Se connecter

ACTUALITÉS ▾ ÉCONOMIE ▾ VIDÉOS ▾ OPINIONS ▾ CULTURE ▾ M LE MAG ▾ SERVICES

IDÉES • PLANÈTE

Partage    

ÉDITORIAL

Le Monde

L'Amazonie, bien commun universel

Editorial. La multiplication alarmante des incendies dans la forêt amazonienne ne concerne pas uniquement le Brésil, qui en abrite 60%, mais toute la planète, car elle s'inscrit dans le dérèglement global du système climatique.

Publié le 24 août 2019 à 10h08 | Lecture 2 min.



Un incendie dans l'Etat du Mato Grosso, au Brésil, le 23 août. Leo Correa / AP

Les plus lus

- 1 Au sommet du G7, le nucléaire iranien, l'Amazonie et la Russie au cœur des discussions
- 2 Au sommet du G7 à Biarritz, Donald Trump adoube Boris Johnson

3 François Hollande, la faute

O jornal francês Le Monde foi uma dos primeiros veículos da imprensa internacional a publicar um editorial analisando a questão dos incêndios na floresta no Brasil. Segundo a publicação, a Amazônia deve ser vista como "um bem comum universal".

"A alarmante multiplicação de incêndios na Floresta Amazônica não diz respeito apenas ao Brasil, que abriga 60% dela, mas a todo o planeta, porque faz parte do desarranjo global do sistema climático", diz.

O texto de opinião do jornal argumenta que na disputa entre o argumento francês sobre a importância universal da floresta e o argumento brasileiro sobre a posse soberana da floresta, "as consequências da destruição gradual da Floresta Amazônica para o resto dos habitantes do mundo claramente dão razão aos países europeus". "Bolsonaro deve, portanto, aceitar esta responsabilidade internacional", defende.

The Observer

Support The Guardian

Available for everyone, funded by readers

Contribute →

Subscribe →

Search jo

News

Opinion

Sport

Culture

Li

World ► Europe US Americas Asia Australia Middle East Africa Inequality Cities Global

Opinion

Amazon rainforest

Sun 25 Aug 2019 06.00 BST



323 118

The Observer view on Jair Bolsonaro and the Amazon wildfires

Observer editorial

The ecological carnage we are witnessing will reverberate beyond the borders of Brazil



A edição deste fim de semana do jornal inglês The Observer (do mesmo grupo do Guardian) analisa a situação da floresta e a crise internacional em torno dos incêndios. Segundo a publicação, "a destruição da floresta tropical que estamos testemunhando reverberará muito além das fronteiras do Brasil nas próximas décadas".

O editorial critica a política de Bolsonaro para a Amazônia e associa sua eleição ao aumento do desmatamento da floresta. O texto também defende a importância de ações internacionais para pressionar o Brasil e ajudar o país no combate à destruição.

"Fortalecer as nações menos afluentes em ações por meio de acordos comerciais não é, por si só, suficiente. Os países mais ricos da Europa precisam fazer muito mais quando se trata de arrecadar recursos adequados para a conservação no exterior, uma área de gastos que os governos acharam fácil demais economizar."

"A retórica ambiental é barata. Somente os próximos meses dirão se os líderes europeus estão preparados para tomar as medidas necessárias para apoiar os brasileiros que estão lutando para proteger a Amazônia e o papel único que desempenha na proteção de um planeta biodiverso e sustentável para as futuras gerações."

O Guardian [também publicou um texto da jornalista brasileira Eliane Brum denunciando a "forma predatória de política chamada bolsonarismo"](#), cujo projeto é "criar mais devastação na Floresta Amazônica de forma metódica e rápida".

[The New York Times](#)

Opinion

The Ravaging of Amazonia

A global treasure lies at the mercy of the smallest, dullest, pettiest of men.



By Vanessa Barbara
Contributing Opinion Writer

Published Aug. 24, 2019 Updated Aug. 25, 2019



O jornal americano The New York Times não publicou um editorial com a opinião do próprio veículo sobre a crise na Amazônia, mas publicou um texto de opinião da colunista brasileira Vanessa Barbara que critica o presidente Jair Bolsonaro.

"Tem sido doloroso ver o país queimar, literal e figurativamente, sob Bolsonaro. Neste momento, os brasileiros sentem uma dor coletiva e perplexa por tudo o que perdemos –não apenas como cidadãos brasileiros, mas como humanos", diz.

[New Statesman](#)



BY JULIA BLUNCK

SOUTH AMERICA 23 AUGUST 2019

The world has the power to make Brazil's Bolsonaro pay for his destruction of the Amazon

The best weapon against the far-right president is to hurt the Brazilian economy.



A firefighter works during a wildfire near Robore, Santa Cruz region, eastern Bolivia on August 22, 2019.

GETTY IMAGES

A revista americana New Statesman publicou um artigo de opinião de Julia Blunck atacando duramente o presidente brasileiro e argumentando que "o mundo tem o poder de fazer Bolsonaro pagar por sua destruição da Amazônia".

"A melhor arma contra o presidente de extrema-direita é afetar a economia brasileira", diz.

"O Brasil nunca se viu como um vilão no cenário mundial. Pelo contrário, havia uma boa vontade geral em torno da imagem brasileira no exterior. Isso escondeu uma certa escuridão permanente na alma do país. Apesar de sempre concordar com a ação coletiva contra as mudanças climáticas, o Brasil nunca teve um histórico perfeito de preservação ambiental. Mesmo no seu melhor, o país procurou manter um perigoso equilíbrio entre os interesses do poderoso lobby do agronegócio e as preocupações verdes. A eleição de Bolsonaro, de extrema-direita, em 2018 expôs a atitude desdenhosa da maioria dos brasileiros em relação à Amazônia e seus povos indígenas: este é um homem

que nunca disfarçou seu desprezo pelos ativistas verdes e tem um prazer quase sádico em zombar do preocupações de cientistas e celebridades."

The Atlantic

The Atlantic

Popular

Latest

Sections ▾

Magazine ▾

SCIENCE

The Amazon Cannot Be Recovered Once It's Gone

The fires blazing in Brazil are part of a larger deforestation crisis, accelerated by President Jair Bolsonaro.

ROBINSON MEYER AUG 24, 2019



MORE STORIES

The Space Between Galaxies Isn't Empty
ANN FINKBEINER AND KNOWABLE

A Cosmic Rarity Found in Antarctic Snow
MARINA KOREN

For Voters, Does Climate ... Actually Even Matter?
ROBINSON MEYER

An Ingenious Microscope Could Change How

A revista americana The Atlantic publicou uma análise da destruição da floresta acusando Bolsonaro de acelerar a crise e explicando que, se for destruída, a Amazônia não pode mais ser recuperada.

Os incêndios, diz, são "um símbolo da indiferença da humanidade em relação à desordem ambiental, incluindo as mudanças climáticas".

Segundo o texto, as queimadas são mais importantes atualmente por conta da mudança do governo brasileiro no início do ano. "Jair Bolsonaro, um populista de extrema-direita que abertamente ansiava pelo passado autoritário de seu país, tomou posse como presidente. Durante sua campanha, ele prometeu enfraquecer as proteções ambientais da Amazônia –que foram eficazes na redução do desmatamento nas últimas duas décadas– e abrir a floresta tropical para o desenvolvimento econômico", explica.

[The Wall Street Journal](#)

OPINION | THE AMERICAS

What You Haven't Read About Brazil

The Amazon fires are mainly the result of drought, while Bolsonaro's reforms are paving the way for faster growth.



By Mary Anastasia O'Grady
Aug. 25, 2019 1:49 pm ET

Brazil announced last week that it will privatize 17 more government enterprises, including federal electricity giant Eletrobras, the national mint and the postal service. Dozens of ports, airports, railroads and other companies already have been put in private hands since President Jair Bolsonaro took office on Jan. 1.

Economy Minister Paulo Guedes said last week that this year's privatization proceeds will

MOST POPULAR

1. Trump's and Pov President Revoke
2. The Hidden Risks of Amazon

O Wall Street Journal foi uma das poucas grandes publicações internacionais a publicar um contraponto à crítica generalizada contra o Brasil por conta das queimadas na Amazônia.

Um artigo da colunista Mary Anastasia O'Grady argumenta que os incêndios na Amazônia são causados especialmente por secas, e que a política de Bolsonaro para o desenvolvimento econômico tem o potencial de ajudar a floresta mais do que discursos vazios.

"Bolsonaro tornou-se o principal alvo dos especialistas progressistas de todo o mundo por algumas de suas declarações sobre o meio ambiente. Enquanto os incêndios se acirram na Floresta Amazônica, em grande parte por causa da seca, ele está sendo culpado pelo afrouxamento da aplicação das leis de conservação. Mas a abertura e a modernização da economia farão muito mais para proteger a floresta do que os governos socialistas de antes de Bolsonaro", diz.

Esta não é a primeira vez que o WSJ segue na contramão da crítica geral da imprensa estrangeira a Bolsonaro. Desde antes da eleição, quando o então candidato era alvo de grande rejeição no resto do mundo, o jornal de economia já tratava a escolha dele para a presidência sem alarmismo. Enquanto a ampla maioria dos veículos da imprensa estrangeira tratou a vitória de Bolsonaro nas eleições como uma ameaça para a democracia do Brasil, [o WSJ publicou um editorial que poderia ser interpretado como positivo, alegando que a](#)

[candidatura dele trata de "drenar o pântano"](#), expressão usada por Trump em 2016 como crítica ao sistema político.

No início deste ano, o [jornal também apontou Bolsonaro como "o maior vencedor de 2018"](#) em todo o mundo.

Bloomberg View

Bloomberg Opinion

Politics & Policy

Torching Farmers and Ranchers Won't Stop Fires in the Amazon

Brazil's smallholders need incentives, not just penalties, to curb deforestation.

By [Mac Margolis](#)

24 de agosto de 2019 17:01 GMT+1



Needed: carrots as well as sticks. Photograph: Leonardo Carrato/Bloomberg via Getty Images



O colunista da agência de economia Bloomberg Mac Margolis também adotou um tom menos crítico em relação ao Brasil, mas com foco voltado aos fazendeiros, e não ao governo. Para ele, responsabilizar as pessoas que usam o território da Amazônia para fins econômicos não ajuda a proteger a floresta.

"Os produtores brasileiros precisam de incentivos, não apenas penas, para conter o desmatamento", explica.

"Embora haja todas as razões para tratar os infratores severamente, salvar a floresta exige mais. Para conter o desmatamento, honrar o compromisso ambicioso de cortar mais de um terço dos gases causadores do efeito estufa

em relação aos níveis de 2005 até 2030 e cumprir as cláusulas verdes do acordo comercial do Mercosul com a União Europeia, o Brasil deveria plantar mais incentivos, não acenar mais ameaças", avalia.

"Isso significa tratar fazendeiros e, sim, pecuaristas mais como interessados na Amazônia do que como predadores", complementa.

[Siga o blog *Brasilianismo no Facebook para acompanhar as notícias sobre a imagem internacional do Brasil*](#)

** Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do UOL
COMUNICAR ERRO

53. Renato Janine Ribeiro – PESQUISA CTH - FB 26 AGO

A pesquisa CNT/MDA é para não deixar ninguém muito feliz. Sem dúvida, o ponto principal é que Bolsonaro e seu governo estão em viés de queda pronunciada de popularidade. A avaliação positiva caiu de 38,9% para 29,4% desde fevereiro (que parece que foi mil anos atrás!). A negativa subiu de 19% para 39,5%. Mas essa é a avaliação do governo. Por um milagre, as pessoas separam governo e presidente: este caiu, sim, mas de 57,5% para 41%, ou seja: a pessoa presidencial estava e está 10 a 15% melhor do que seu governo. Muito bizarro. Muitas pessoas aprovarão que a população priorize saúde, educação e emprego como devendo ser prioridades. Beleza. Mas como é que 31,7% conseguem ver alguma melhora ao longo desses 8 meses, com uma economia piorando e o governo cortando na carne e no osso (porque a gordura já foi embora faz tempo) ? Será o poder da ideologia? que faz quem votou nele acreditar, contra toda evidência, que o Brasil está melhorando.

SOBRE O AUTOR

Daniel Buarque vive em Londres, onde faz doutorado em relações internacionais pelo King's College London (em parceria com a USP). Jornalista e escritor, fez mestrado sobre a imagem internacional do país pelo Brazil Institute da mesma universidade inglesa. É autor do livro "Brazil, um país do presente - A imagem internacional do 'país do futuro'" (Alameda Editorial) e do livreto "Brazil Now" da consultoria internacional Hall and Partners, além de outros quatro livros. Escreve regularmente para o UOL e para a Folha de S.Paulo, e trabalhou repórter do G1, do "Valor Econômico" e da própria Folha, além de ter sido editor-executivo do portal Terra e chefe de reportagem da rádio CBN em São Paulo.

SOBRE O BLOG

O Brasil é citado mais de 200 vezes por dia na mídia internacional. Essas reportagens e análises estrangeiras ajudam a formar o pensamento do resto do mundo a respeito do país, que tem se

tornado mais conhecido e se consolidado como um ator global importante. Este blog busca compreender a imagem internacional do Brasil e a importância da reputação global do país a partir do monitoramento de tudo o que se fala sobre ele no resto do mundo, seja na mídia, na academia ou mesmo e conversas na rua. Notícias, comentários, análises, entrevistas e reportagens sobre o Brasil visto de fora.

54. Festival de Gramado 2019: Miguel Falabella lê manifesto em defesa do cinema brasileiro

Por **Francisco Russo** — 23/08/2019 às 11:44

Antes da exibição de *Veneza*, seu segundo filme como diretor.



Edison Vara/Agência Pressphoto

Festivais não são apenas espaço para exibir e discutir filmes, mas também para refletir sobre o cinema e suas políticas de incentivo. Em Gramado, desde o primeiro dia o que mais se tem visto é protesto acerca das políticas públicas do governo Bolsonaro, que têm paralisado a Ancine ao ponto de colocar em risco a safra de curtas e longas dos próximos anos, sem falar do dirigismo imposto ao vetar filmes de temática LGBTQ+. Praticamente todos os cineastas, ao subirem no palco do Palácio dos Festivais, fizeram algum protesto do tipo.

Nesta quinta à noite, antes da exibição de *Veneza*, o diretor Miguel Falabella leu um manifesto em defesa do cinema brasileiro, assinado pela organização do Festival de Gramado e mais 63 associações e entidades ligadas à área, espalhadas por todo o país.



Festival

de Gramado 2019: Miguel Falabella lê manifesto em defesa do cinema brasileiro

Indústria que movimenta R\$ 225 milhões por ano, audiovisual lança ...

[https://telepadi.folha.uol.com.br › alvo-de-r-225-milhoes-por-ano-industri...](https://telepadi.folha.uol.com.br/alvo-de-r-225-milhoes-por-ano-industri...)

As atrizes Carol Castro, Danielle Winits e Dira Paes, ao lado do **diretor Miguel Falabella**

MANIFESTO DE 63 ARTISTAS NO FESTIVAL DE GRAMADO 2019

"Profissionais e entidades representativas do audiovisual brasileiro vêm se manifestar em apoio à manutenção e fortalecimento das políticas públicas para o desenvolvimento do setor. Apoiamos a permanência e a independência da Ancine, agência responsável pelas políticas públicas de fomento e regulamentação, cada vez mais ativa, livre e desburocratizada com foco no desenvolvimento de uma cinematografia forte, capaz de representar o Brasil em toda sua diversidade.

Apoiamos o Fundo Setorial do Audiovisual, a sua vinculação à Ancine e a nomeação de seu comitê gestor. Os recursos são gerados pelo próprio setor, de forma auto-sustentável. Apoiamos a lei da TV paga, 12.485, pelo seu papel decisivo no crescimento do setor e por facilitar o acesso da população ao conteúdo nacional independente.

Reinvindicamos a renovação da cota de tela, cujo decreto para o ano de 2019 ainda não foi assinado pelo governo brasileiro. Reinvindicamos a renovação do Recine e da Lei do Audiovisual antes de sua expiração, em dezembro deste ano. Apoiamos a regulação do VOD, que precisa estabelecer as bases deste novo mercado e integrar este segmento às políticas de estímulo da produção nacional.

Contestamos a portaria 1.576, de 20 de agosto, que suspende os termos do edital do chamamento das TVs públicas, publicada ontem. Repudiamos qualquer ataque ou qualquer tipo

de censura que atente a liberdade de expressão ou fere os princípios constitucionais garantidos pelo artigo 50 da Constituição.

O audiovisual brasileiro vive seu melhor momento, com reconhecido potencial cultural, artístico e econômico, dentro e fora do país. Nossa cadeia produtiva é dinâmica e movimentada mais de R\$ 25 bilhões por ano, representando 0,46% do PIB brasileiro. Tem uma taxa de crescimento de 8,8% ao ano e é responsável por mais de 330 mil empregos. Garantir o audiovisual fortalecido e livre é fundamental para a soberania nacional."

55. O fosso entre Moro e Bolsonaro

A distância aumentou. Se houver ruptura, o governo sofreria um baque sem precedentes

19/08/2019 07h28 Atualizado há uma semana - **Helio Gurovitz**

Diretor de redação da revista Época por 9 anos, tem um olhar único sobre o noticiário. Vai ajudar você a entender melhor o Brasil e o mundo. Sem provincianismo

https://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/2019/08/19/o-fosso-entre-moro-e-bolsonaro.ghtml?fbclid=IwAR1awH8DHRLmsa8PA6SkRE_FCTXf-hhlaVfzis0b_MvL5jkzSAtnCAJxWGU

O ministro da justiça Sérgio Moro e o presidente Jair Bolsonaro, num evento da Marinha em junho — Foto: Adriano Machado/Reuters

A sucessão de derrotas acumuladas por Sergio Moro desde que aceitou o cargo de ministro da Justiça de Jair Bolsonaro demonstra que a distância entre os dois aumenta a cada dia. Uma ruptura entre Moro e Bolsonaro provocaria um baque sem precedentes na correlação de forças que sustenta o governo.

Bolsonaro chegou a Brasília embalado na fama de dois “superministros”: Moro e Paulo Guedes. A difícil reforma da Previdência de Guedes passou pela Câmara e deverá ser aprovada no Senado. Quanto ao projeto anticrime de Moro, bem, ele continua esquecido nalguma gaveta. Desde o início do governo, o encolhimento de Moro é visível (**escrevi sobre isso em maio**).

É certo que medidas econômicas são mais urgentes, mas há outro fator em jogo. Moro oferece a Bolsonaro uma ameaça política que Guedes jamais oferecerá. Nenhum outro nome do mesmo campo ideológico tem tanta popularidade nem desperta tanta paixão (contra ou a favor). Nas eleições de 2022, Moro seria um antagonista da esquerda tão ou mais eficaz que Bolsonaro. Reside aí a razão do fosso entre os dois.

Artífice da Operação Lava Jato, foi Moro quem forneceu a Bolsonaro dois ingredientes essenciais para alcançar o poder. Primeiro, o discurso de combate à corrupção. Bolsonaro se apresentou ao eleitor como nome impoluto, distante das práticas da “velha política” que contaminavam todos os demais partidos. Segundo, em consequência disso, a devassa no sistema partidário abriu espaço para que um deputado menor como Bolsonaro pudesse ascender.

A postura de linha-dura diante do crime, a associação a corporações policiais e ao Exército, a visão da política como terreno da moral – tudo isso aproximava Bolsonaro das forças que apoiavam Moro no Judiciário, no Ministério Público,

mas também fora, na sociedade tomada pelo sentimento contra a corrupção, sobretudo nos governos petistas.

Há, contudo, uma diferença – sutil, porém essencial – entre afirmar que a Justiça brasileira é leniente com bandidos ou políticos corruptos e defender a tortura ou a barbárie cometida pelos órgãos de repressão durante a ditadura. Gente com ambas as visões se misturou nos vagões atados às pressas no comboio do bolsonarismo. Mas a turma de Moro nunca foi a mesma de Bolsonaro.

Moro foi, de certa forma, o passaporte de credibilidade para justificar o voto de quem resistia a apoiar o capitão, por conhecer seu passado e por reconhecer os problemas de sua ideologia perniciosa. Com Moro na Justiça, imaginaram, não haveria risco à democracia ou aos direitos humanos – e prosseguiria a luta contra os corruptos.

Dois eventos demonstraram o equívoco. Primeiro, os escândalos. O Caso Queiroz e as candidaturas fajutas do PSL revelaram logo depois da eleição que a turma de Bolsonaro não era tão limpa quanto parecia. Segundo, as fragilidades da Lava Jato. As mensagens obtidas pelo site *The Intercept Brasil*, atribuídas a Moro e procuradores, tornaram difícil acreditar que a operação tenha sido conduzida de modo imparcial.

Bolsonaro tem tentado usar todo o poder ao seu alcance para proteger seu filho, o senador Flávio Bolsonaro, das denúncias do caso Queiroz. Em meio aos malabarismos, o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), responsável pela descoberta das suspeitas e essencial ao combate à corrupção, se tornou um joguete de destino incerto.

O Congresso frustrou a tentativa de transferi-lo da Receita Federal para a esfera de Moro. Em seguida, o ministro Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu por liminar toda investigação do Coaf que não tivesse sido iniciada por ordem judicial, entre elas a que atinge Flávio. Agora, o Planalto fala em remanejar o órgão para o Banco Central, alegando que ficaria imune a interferência política.

Interferência política é o que não tem faltado nas investigações que chegam perto dos interesses de Bolsonaro. Fora o vaivém do Coaf, Bolsonaro obteve de Moro a troca do superintendente da Polícia Federal no Rio de Janeiro. Também exigiu, na esfera de Guedes, a mudança do superintendente da Receita fluminense e de delegados no Porto de Itaguaí, que investigam irregularidades atribuídas a milícias.

A distância entre Bolsonaro e Moro é sentida ainda na indicação de quem sucederá Raquel Dodge na Procuradoria-Geral da República (PGR). Quando foi aventado por hostes lava-jatistas – ainda que sem fundamento técnico ou político –, o nome do procurador Deltan Dallagnol, chefe da força-tarefa da Lava Jato no Paraná, foi torpedeado em redes sociais pelo próprio Bolsonaro como “esquerdista”.

Em vez de escolher alguém da lista tríplice eleita pelos próprios procuradores, praxe recomendada por Moro, o mais provável é que Bolsonaro se incline por algum nome externo a lista, em desafio à categoria mais interessada no combate à corrupção. O mais importante, aparentemente, é a garantia de controle sobre investigações que possam chegar perto do presidente ou de seus familiares

Depois da aprovação pela Câmara, semana passada, da Lei contra Abuso de Autoridades, vista por Moro e aliados como tentativa de constranger a caça aos corruptos, Bolsonaro se limitou a criticar aspectos que interferem na atividade dos policiais. Na prática, houve apoio implícito às restrições impostas a juízes ou procuradores.

Por fim, formou-se uma aliança tácita entre Bolsonaro e a ala garantista do STF, como deixa clara decisão de Toffoli sobre o Coaf. A proteção a Flávio é apenas uma das decisões que aproximam o Supremo do presidente. Vem hoje do STF a maior ameaça que paira sobre as decisões tomadas por Moro quando juiz – e sobre toda a Lava Jato.

56. A defesa da soberania nacional

https://opinioao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-defesa-da-soberania-nacional,70002981183?utm_source=estadao%3Afacebook&utm_medium=link&fbclid=IwAROSm6crsKFx-i3Pyq5w24lfCkpRh2sd9BR1_N1O5mt0xaKLJWzT5MWskwU

Em oito meses, Jair Bolsonaro conseguiu arruinar a reputação do Brasil em uma das poucas áreas nas quais o País se destacava de maneira razoavelmente positiva

Notas e Informações, O Estado de S.Paulo

25 de agosto de 2019 | 03h00

O inciso I do artigo 1.º da Constituição coloca a soberania como o primeiro dos fundamentos da República. Ou seja, o Estado deve ser soberano tanto no exercício do poder dentro do território nacional, por meio da elaboração e da aplicação das leis, como na relação com outros Estados, que deve se dar sempre de forma ativa, isto é, sem sujeitar o País a interesses estrangeiros. É dever constitucional do chefe de Estado pôr-se à frente da defesa da soberania nacional, seja ajudando a preservar a ordem interna e o Estado de Direito, seja protegendo os interesses brasileiros no exterior. Em nenhuma dessas dimensões, a soberania será bem resguardada se o chefe de Estado agir de forma autoritária e imprudente, como tem feito o presidente Jair Bolsonaro, em especial no que diz respeito à preservação da Amazônia.

É fato que a gritaria internacional em torno da suposta escalada na devastação da floresta amazônica embute muitos interesses de países europeus cujos produtores agrícolas concorrem com o poderoso agronegócio brasileiro – e o dano à imagem do País tem o potencial de minar a competitividade brasileira no exterior, num mercado cada vez mais sensível a questões ambientais.

Assim, faz bem o governo brasileiro ao ressaltar que nem todas as críticas ao modo como o Brasil lida com suas florestas são desinteressadas.

Mas é preciso reconhecer que a atual crise foi deflagrada por atitudes intempestivas a respeito do meio ambiente, adotadas irrefletidamente pelo presidente Bolsonaro e alguns de seus ministros. Para começar, Bolsonaro implodiu o Fundo Amazônia, bancado por Alemanha e Noruega, sob o argumento de que financiava ONGs – organizações que, segundo o bolsonarismo, estão a serviço de uma grande conspiração da esquerda internacional contra o Brasil. Em seguida, chamou de “mentirosos” os números do Inpe que mostraram, em julho, um avanço significativo do desmatamento na Amazônia, e ainda acusou a direção do respeitado órgão de estar “a serviço de alguma ONG”. Mais recentemente, ante a proliferação de queimadas na região amazônica, Bolsonaro acusou as ONGs de causarem os incêndios “para chamar a atenção para a minha pessoa”.

Como era previsível, as atitudes do presidente tiveram péssima repercussão internacional, mas Bolsonaro manteve o tom nada diplomático, fazendo referências jocosas, próprias do ambiente insalubre das redes sociais, aos governantes da Alemanha, da Noruega e da França, que o haviam criticado. Entremontes, os incêndios na Amazônia tornaram-se assunto de grande interesse, mobilizando artistas e celebridades globais. Nessa onda, o presidente da França, Emmanuel Macron, disse que se trata de uma “crise internacional” e informou que o G-7 (grupo dos sete países mais ricos do mundo) discutirá o assunto – sem a presença do Brasil. Já o governo da Finlândia, que detém a presidência rotativa da União Europeia, pediu que o bloco discuta a possibilidade de banir a importação de carne brasileira. No Twitter, o secretário-geral da ONU, António Guterres, disse que “não podemos permitir mais danos a uma fonte importante de oxigênio e biodiversidade”.

Mesmo que ainda não se saiba realmente se as queimadas desta temporada são mais graves do que as de anos anteriores, o estrago à imagem do Brasil já

está feito – e é imenso. Jair Bolsonaro, em apenas oito meses de governo, conseguiu arruinar a reputação do País em uma das poucas áreas nas quais se destacava de maneira razoavelmente positiva graças aos esforços na preservação das florestas nativas. Essa imagem não será recuperada enquanto o presidente continuar a se queixar da “mentalidade colonialista” da França, ou o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, acusar países de usar ONGs “para atingir nossa soberania”, ou ainda o chanceler Ernesto Araújo dizer que “muitas forças nacionais e internacionais querem recolonizar o Brasil”. Se o governo realmente estivesse preocupado com a defesa da soberania nacional, estaria empenhado em esclarecer a opinião pública internacional sobre a verdadeira situação na Amazônia e o que está sendo feito para enfrentar o problema em suas reais dimensões. Ao preferir ofender a inteligência de todo o mundo civilizado, o governo Bolsonaro apenas desmoraliza o Brasil.

57. Grupo no WhatsApp contratou motoqueiros e motosserras para desmatar e incendiar a floresta

Globo Rural revela como foi organizado o ‘dia do fogo’ no Pará; grupo “SERTÃO” tem 80 membros entre grileiros, garimpeiros e fazendeiros da região

https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Sustentabilidade/noticia/2019/08/grupo-no-whatsapp-contratou-motoqueiros-e-motosserras-para-desmatar-e-incendiar-floresta.html?fbclid=IwAR2La7QsK-339ckLX4leFu1BthMdLspokJPwUR34EfgV67xt_EwVEupmX8

- **IVACI MATIAS, DE NOVO PROGRESSO (PA)**
26 AGO 2019 - 17H45 ATUALIZADO EM 26 AGO 2019 - 17H56

Fogo começa às margens da rodovia e adentra a mata fechada da Amazônia. (Foto: Emiliano Capozoli/Ed.Globo)

O “Dia do Fogo”, que provocou o recorde de queimadas em Novo Progresso e Altamira, no Pará, nasceu dentro do grupo “Jornal A Voz da Verdade”, no

aplicativo **Whatsapp**, segundo apurou a **Revista Globo Rural**.

O grupo, formado para debater interesses do setor, tem uma **arara** azul como símbolo e foi criado em 17 de agosto de 2016, por João Vgas, nome que consta na página principal. Tem 246 participantes ativos entre produtores rurais, grileiros, sindicalistas e comerciantes do município de Novo Progresso.

*Primeiro grupo de WhatsApp conta com 246 membros
(Foto: Globo Rural)*

Dos 246 participantes ativos do grupo “Jornal A Voz da Verdade”, 70 aprovaram os planos do “Dia do Fogo”. Esses 70 formaram outro grupo, criado pelo comerciante Ricardo De Nadai, batizado de “SERTÃO”, uma alusão ao nome de seu estabelecimento comercial (a loja Sertão Agropecuária). O novo grupo ganhou mais 10 membros e fechou com cerca de 80.

O principal objetivo deste segundo grupo (SERTÃO) era **incendiar**, no dia 10 de agosto, áreas de matas e terras devolutas, fazendo o fogo avançar sobre a **Floresta Nacional do Jamanxim**, uma reserva de 1,3 milhão de hectares conhecida pela sua rica biodiversidade. A ideia era alcançar a Terra do Meio, área de conflitos agrários na **Amazônia**.

"Primeiro se desmata, depois vem o fogo. Tudo foi planejado. Ninguém ficou sem serviço. Faltou gente, e peões foram trazidos de outras regiões da Amazônia e até do Nordeste"

operador de motosserra

Pelo menos quatro membros do grupo, segundo apurou a **revista Globo Rural**, já foram presos por **crimes ambientais**. São conhecidos como grileiros que estão escrevendo uma lenda no sul do Pará. Do grupo fazem parte proprietários de redes de supermercados, lojas e fazendas da região. Alguns deles fizeram acordo com a Justiça e usam tornozeleira eletrônica.

Motoqueiros do fogo

No dia 10 de agosto, o “Dia do Fogo”, motoqueiros contratados pelo grupo circularam pelos distritos localizados às margens da **BR-163** ateando fogo no capim seco dos acostamentos. Nessa época de seca, a vegetação das margens é combustível fácil. As chamas chegaram a interromper o tráfego da rodovia em vários trechos.

O fogo se alastrou queimando cercas e ameaçando atingir as moradias. Todos que estavam em suas casas nas vilas ao redor da BR naquele dia avistaram esses homens de capacete ateando fogo. O crime foi realizado também no município vizinho de Altamira, recordista de desmatamento e **queimadas** do Brasil neste ano, e se estendeu até ao Distrito de Cachoeira da Serra.

Incêndio à beira da rodovia BR-163, no Pará. (Foto: Emiliano Capozoli/Ed.Globo)

A **fumaça negra** subiu ao céu e se juntou a uma outra, ainda mais escura, que pipocava de dentro da Floresta Nacional do **Jamanxim**, área de proteção ambiental muito visada pelos grileiros e garimpeiros da região. O lugar foi demarcado através de decreto assinado pelo presidente Lula em 2006, mas sempre sofreu a ameaça da exploração predatória pela proximidade da estrada Cuiabá-Santarém.

Faltou motosserra

No início de agosto, várias áreas de **proteção ambiental** sofreram ataques de motosserras na região. Primeiro se desmata, depois vem o fogo. Tudo foi planejado. Ninguém "ficou sem serviço", conta um operador de motosserra que não quis se identificar. Faltou gente, e peões foram trazidos de outras regiões da **Amazônia** e até do Nordeste.

Pistas clandestinas de pouso foram construídas no meio da mata para desembarcar gente. Tudo foi combinado com muita antecedência no Grupo SERTÃO. Uma das notícias que "bombou" foi a falta de óleo queimado.

58. Questionado sobre 'status internacional' da Amazônia, Macron diz que pode ser uma questão se algum país tomar medidas 'contra o planeta'

'É um tema que permanece aberto e continuará a prosperar', disse o presidente francês. Palavra original usada por ele pode ser traduzida como 'status' ou 'estatuto', o que gerou confusão na imprensa internacional e até mesmo na França.

Por G1

26/08/2019 - https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/26/questionado-sobre-status-internacional-da-amazonia-macron-diz-que-pode-ser-uma-questao-se-algum-pais-tomar-medidas-contra-o-planeta.ghtml?fbclid=IwAR0JVBkzF321dyaECjkphTM1WZ0JhmnQnETSG4yvFtsAXIX_ZrGmztd4CC4

Amazônia terá R\$ 90 milhões do G7 para queimadas, diz presidente francês

Jornal Nacional



Amazônia terá R\$ 90 milhões do G7 para queimadas, diz presidente francês

Em meio à recente troca de acusações entre os governos de Brasil e **França**, o presidente francês, **Emmanuel Macron**, comentou nesta segunda-feira (26), durante a cúpula do **G7** que foi questionado sobre a possibilidade de definir um "**status internacional**" para a Amazônia. Ele disse considerar que esse pode ser o caso se um "**Estado soberano**" tomar de "maneira clara e concreta medidas que se opõem ao interesse de todo o planeta".

"A verdade é que associações, ONGs e atores internacionais, inclusive jurídicos, questionaram em diversos anos se era possível definir um status internacional para a Amazônia", afirmou Macron.

A palavra francesa que Macron usou, "statut", tem dois significados, e isso gerou confusão na imprensa internacional e até mesmo na França. Alguns jornalistas entenderam que o presidente francês estava propondo definir "um status internacional para a Amazônia"; outros entenderam que era "um estatuto internacional para a Amazônia", que seria um marco regulatório definindo regras para proteger a floresta.

Logo depois de falar sobre isso, ele prosseguiu:

"Isso não está na discussão das iniciativas apresentadas hoje. É realmente uma questão que se colocaria: [e] se um Estado soberano tomasse de maneira clara e concreta medidas que se opõem ao interesse de todo o planeta? Então, aí haveria todo um trabalho jurídico e político a ser feito, mas creio poder dizer que as conversas que o presidente [do Chile] Sebastián Piñera teve com o presidente **Jair Bolsonaro** não vão nesse sentido".

Macron continuou: "Ele [Bolsonaro] deseja ser respeitado como ator nesse jogo, mas acredito que ele tem consciência desse tema – em todo caso, eu prefiro ter essa esperança. Não é hoje que vamos decidir nada sobre isso, mas é um tema que permanece aberto e continuará a prosperar, nos próximos meses e anos".

"Nós vemos a natureza... a importância é tão grande na questão climática que não se pode dizer que 'é apenas o meu problema'", concluiu.

Bolsonaro questiona Macron

Bolsonaro questiona ajuda internacional à Amazônia: 'O que eles querem lá?'

Estúdio i

Bolsonaro questiona ajuda internacional à Amazônia: 'O que eles querem lá?'

Na manhã desta segunda, **Bolsonaro questionou o interesse de Macron em auxiliar as ações de combate às queimadas** na região amazônica (**assista no vídeo acima**).

O presidente brasileiro comentou a ajuda anunciada pelo francês com um exemplar do jornal "O Globo" em mãos que tinha a seguinte manchete: "Macron promete ajuda de países ricos à Amazônia".

"Macron promete ajuda de países ricos à Amazônia'. Será que alguém ajuda alguém – a não ser uma pessoa pobre, né? – sem retorno? [...] O que que eles querem lá há tanto tempo?", questionou Bolsonaro.

Em seguida, Bolsonaro voltou a criticar o presidente francês pelas redes sociais. "Não podemos aceitar que um presidente, Macron, dispare ataques descabidos e gratuitos à Amazônia, nem que disfarce suas intenções atrás da ideia de uma 'aliança' dos países do G-7 para 'salvar' a Amazônia, como se fôssemos uma colônia ou uma terra de ninguém", escreveu.

"Outros chefes de estado se solidarizaram com o Brasil, afinal respeito à soberania de qualquer país é o mínimo que se pode esperar num mundo civilizado", acrescentou o presidente brasileiro.

Na reunião do G7, Macron declarou que o grupo concordou em ajudar os países atingidos pelas queimadas na Amazônia "o mais rápido possível". Os líderes dos países devem providenciar **20 milhões de euros (cerca de R\$ 91 milhões)** de ajuda emergencial (**assista no vídeo abaixo**).

Macron diz que G7 dará 20 milhões de euros para combater queimadas na floresta amazônica

Jornal Hoje 00:00/03:28

Desde a semana passada, com a **crise gerada pela alta das queimadas na Amazônia**, Bolsonaro e Macron trocam críticas em declarações e entrevistas (**veja mais no vídeo abaixo**).

O francês **disse, por exemplo, que Bolsonaro mentiu** sobre sua preocupação com a proteção do meio ambiente.

Macron relembra desentendimentos que teve com Bolsonaro Jornal Nacional - 00:00/01:45

- **'Extraordinariamente desrespeitoso', diz Macron sobre comentário de Bolsonaro**

Plano para a Amazônia

Também nesta segunda, Macron afirmou que vai construir uma "iniciativa para a Amazônia" com "todos os países da região" a ser lançada na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), no mês que vem.

Segundo o presidente francês, a iniciativa vai "tratar de questões centrais para o futuro da Amazônia" e "projetos concretos pelo bem das populações locais e do desenvolvimento sustentável e agroecológico".

Além disso, Macron afirmou que discute a possibilidade de estender essa iniciativa ao continente africano – tendo em vista incêndios florestais no Congo.
QUEIMADAS NA AMAZÔNIA

- [Nº de queimadas sobe 82% em 2019](#)
- [Amazônia concentra metade das queimadas neste ano](#)

- Entenda: 12 questões essenciais sobre o tema
- Amazônia em chamas? O que se sabe sobre a evolução das queimadas

59. Moro reclama dos cortes de Guedes e diz que ações da Justiça podem ser inviabilizadas

<https://www.brasil247.com/brasil/moro-reclama-dos-cortes-de-guedes-e-diz-que-acoes-da-justica-podem-ser-inviabilizadas>

Sabotado por Jair Bolsonaro, que interveio na Polícia Federal e o no Coaf, o ministro Sergio Moro agora também se queixa dos cortes de gastos determinados por Paulo Guedes e afirma que as ações da Justiça podem ser inviabilizadas, no momento em que crescem os rumores sobre sua demissão

27 de agosto de 2019, 05:31 h Atualizado em 27 de agosto de 2019, 09:31

•



(Foto: Pedro França - Agência Senado)

247 – Os problemas de Sergio Moro no governo não se resumem apenas à intervenção de Jair Bolsonaro na superintendência da Polícia Federal no Rio de Janeiro com a finalidade de blindar o clã Bolsonaro. Ele também encaminhou ofício ao ministro da Economia, Paulo Guedes, no qual reclama do orçamento disponibilizado para a pasta em 2020. Segundo [reportagem de Manoel Ventura](#), no Globo, ele afirma que o montante reservado irá resultar em um “alarmante cenário de inviabilização de políticas públicas de segurança, cidadania e justiça essenciais para a sociedade brasileira”, e pede mais recursos para as ações do ministério.

PUBLICIDADE

"Moro afirma que o valor disponibilizado para o Ministério da Justiça e Segurança Pública no próximo ano "gera preocupação quanto à viabilidade de implementação" das ações da pasta, como operações da Polícia Federal (PF), da Polícia Rodoviária Federal (PRF), mobilização da Força Nacional de Segurança Pública, emissão de passaporte, ações de combate ao tráfico de drogas, combate ao crime organizado, à corrupção e à lavagem de dinheiro", aponta o jornalista.

Ou seja: Moro tem mais motivos para deixar o governo, no momento em que se avolumam rumores sobre sua eventual demissão.



60. Ex-chefão da Lava Jato agora admite: Bolsonaro era o candidato da operação

<https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2019/08/26/ex-chefao-da-lava-jato-agora-admite-bolsonaro-era-o-candidato-da-operacao/?fbclid=IwAR1gBsmvGeg5licGVKmZBJWWu0klrSTKI7XuquEe6aTbUEYx8U9arsYrbIU>

Reinaldo Azevedo - 26/08/2019 07h29



Carlos Fernando: agora ele admite que Bolsonaro era o candidato da Lava Jato. mas se sente traído, coitadinho...

O procurador Carlos Fenando, que integrava a Lava Jato e é notavelmente agressivo quando enfrenta alguém que se opõe às suas diatribes retóricas, participou de um debate sobre a operação com o advogado Walfrido Warde no programa "GloboNews Painel", conduzido pela jornalista Renata Lo Prete.

Warde debate com Ihaneza, o que não quer dizer que não tenha entendido a tática do oponente da hora. Deixou-o tão à vontade, estimulando-o a ser quem

era, que Carlos Fernando resolveu abrir o jogo. Admitiu o que observadores atentos sempre souberam, incluindo certamente Warde, embora os integrantes da operação jamais o tenham admitido: a operação tinha um candidato. E seu nome era Jair Bolsonaro.

Indagado por Renata sobre o alinhamento, Carlos Fernando Respondeu: ***"Infelizmente, no Brasil, nós vivemos um maniqueísmo, né? Então nós chegamos... Inclusive, no sistema de dois turnos, faz com que as coisas aconteçam dessa forma. É evidente que, dentro da Lava Jato, dentro desses órgãos públicos, de centenas de pessoas, existem lava-jatistas que são a favor do Bolsonaro. Muito difícil seria ser a favor de um candidato que vinha de um partido que tinha o objetivo claro de destruir a Lava Jato. Seria muito difícil acreditar que..."***

Renata interrompe: "Você está se referindo a Fernando Haddad?"

E Carlos Fernando retoma:

"A Fernando Haddad, obviamente. Então nós vivemos este dilema: entre a cruz e a caldeirinha; entre o diabo e o coisa ruim, como diria o velho Brizola. Nós precisamos parar com isso. Nós realmente temos que ter opções. Infelizmente, um lado escolheu o outro. E, naturalmente, na Lava Jato, muitos entenderam que o mal menor era Bolsonaro. Eu creio que essa era uma decisão até óbvia, pelas circunstâncias que Fernando Haddad representava justamente tudo aquilo que nós estávamos tentando evitar, que era o fim da operação. Agora, infelizmente, o Bolsonaro está conseguindo fazer".

RETOMO

Vejam que fabuloso!

Lembro que um presidente da República não tem autoridade para pôr fim a operação nenhuma. Chame-se Dilma, Bolsonaro ou Fernando Haddad. Até porque, fosse assim, a então presidente petista o teria feito, já que a operação nasceu durante o seu governo, em 2014.

O que se tem aí é a confissão de que a operação que, na prática, retirou um candidato da disputa — refiro-me a Lula — alinhou-se, de forma antes apenas clara, e agora confessa, a seu adversário.

Diálogos revelados pelo site The Intercept Brasil evidenciaram que Sergio Moro chegou a oferecer a Dallagnol uma possível testemunha contra o ex-presidente. Fez mais: criticou o trabalho de uma procuradora, que não estaria sendo efetiva como ele, Moro, esperava no caso. Dallagnol a substituiu.

Pois é...

O QUE ESCREVI EM JUNHO DO ANO PASSADO

Escrevi uma **coluna** na Folha no dia 8 de junho no ano passado intitulada "Bolsonaro é o nome da Lava Jato". Adivinhem... Deltan Dallagnol foi para as redes sociais me ofender, claro!

Lembro o que está lá:

"Gente que conhece o MPF por dentro e pelo avesso assegura que os Torquemadas torcem é por Bolsonaro. Li trocas de mensagens de grupos do WhatsApp que são do balacobaco. E assim é não porque os senhores procuradores comunguem de sua visão de mundo –a maioria o despreza–, mas porque veem nele a chance de fazer ruir o "mecanismo", que estaria "podre".

Os extremistas do MPF, do Judiciário e da PF, onde o candidato é especialmente popular, concluíram que o "Rústico da Garrucha & dos Bons Costumes" lhes abre uma janela de oportunidades para impor a sua agenda. Querem ser, e isto é para valer, o "Poder Legislativo" de um regime que fosse liderado pelo bronco.

Não creio que logrem seu intento e, tudo o mais constante, estão cavando seu próprio fim como força interventora na política. Isso, em si, será bom. A questão é quem vai liderar o desmanche. Centro pra quê? Por enquanto, meus caros, o processo segue sem centro, sem eixo, sem eira nem beira. A instabilidade será longa."

E aí, Carlos Fernando, o que me diz? Como você pode notar, antevi até a derrocada de vocês em razão da escolha que haviam feito.

O que lhe parece?

Uma vez você me chamou de cachorro.

Cachorro quem sabe... Burro nunca!

61. MOVIMENTO DESCULPE BRIGITTE

https://www.cartacapital.com.br/mundo/movimento-desculpabrigitte-emociona-primeira-dama-francesa/?fbclid=IwAR1JNyxWSEdV7jj3a5gmKRum_MpBvJfVOD_UYSSDXEhrg5E0DRAUNJf9ns

RFI 27 DE AGOSTO DE 2019



FRANCOIS MORI / POOL / AFP

As mulheres brasileiras manifestaram apoio a Brigitte, que foi atacada por Bolsonaro com piada considerada sexista

A hashtag #DesculpaBrigitte foi lançada na manhã desta segunda-feira 26, após a notícia de que o presidente brasileiro reagiu a um insulto no Facebook à primeira-dama francesa, e, rapidamente, virou sucesso no Twitter. O movimento, reforçado nesta terça-feira 27 pelo lançamento de dois abaixo-assinados de brasileiras que moram na França, emocionou Brigitte Macron.

O sucesso da hashtag #DesculpaBrigitte e a reação da primeira-dama é destaque na mídia francesa nesta terça-feira. O site do *Le Parisien* e da *BFMTV* relatam que a primeira-dama francesa ficou emocionada com as mensagens de solidariedade que recebeu de brasileiros pelo Twitter. A hashtag em francês #PardonBrigitte também foi enviada. Em várias mensagens, os brasileiros confirmam a vergonha que sentem diariamente de ter o Brasil governado por Bolsonaro. “Ele não me representa”, destacam alguns internautas.

O escritor Paulo Coelho, muito popular na França, também divulgou um vídeo no Twitter se desculpando pelo que chamou de “histeria de Bolsonaro” em relação à França, ao presidente Macron e à primeira-dama Brigitte.

► **Leia também:**

- **Bolsonaro diz que só aceitará ajuda do G7 se Macron pedir desculpas**
- **"Brasil merece um presidente que se comporte à altura do cargo", diz Macron**
- **Imprensa francesa destaca sexismo de Bolsonaro e farpas de Weintraub contra Macron**

[Paulo Coelho](#) -  [@paulocoelho](#)

Au peuple français - <https://twitter.com/i/status/1166000547977158661>

Esses brasileiros dão razão a Emmanuel Macron que, na segunda-feira 26, declarou que “os brasileiros deveriam ter vergonha” do comportamento de seu presidente, escreve Le Parisien. No domingo 25, Bolsonaro comentou e concordou com uma grosseria em relação à diferença de idade entre Brigitte e a primeira-dama brasileira, Michelle Bolsonaro, publicada por um internauta no Facebook. A atitude do presidente brasileiro acirrou a crise diplomática entre os dois países, **iniciada após o posicionamento de Macron sobre os incêndios que devastam a Amazônia**

Abaixo-assinado de brasileiras de Paris

Dois grupos de brasileiras de Paris na internet lançaram nesta terça-feira abaixo-assinados se solidarizando com Brigitte Macron.

O “Grupo Mulheres do Brasil”, seguido por mais de 16 mil pessoas, se posicionou esta manhã sobre as ofensas de Bolsonaro a Brigitte Macron. Um manifesto postado nas redes sociais do grupo em Paris, e nos mais de 40 núcleos espalhados pelo Brasil e no mundo, repudia a atitude do presidente brasileiro:

“O Grupo Mulheres do Brasil, por meio de seu núcleo de Paris, manifesta apoio à primeira-dama da França, Brigitte Macron. Repudiamos qualquer tipo de atitude sexista ou machista e achamos que o dever de um presidente é repelir comportamentos deste tipo em vez de referendá-los. Somos um coletivo de 40 mil mulheres brasileiras de todas as idades, raças, credos e classes sociais, de diferentes cidades do Brasil e do exterior. De forma suprapartidária e a favor do diálogo, nos colocamos à disposição do presidente Jair Bolsonaro para apresentar dados sobre desigualdade entre gêneros, violência contra a mulher e misoginia, e também para pontuar modelos de políticas públicas que contribuem para a redução das disparidades, do preconceito e das taxas recordes de feminicídio que o Brasil coleciona.”

O “Brasileiras de Paris”, que tem quase 5 mil integrantes, publicou uma carta em francês, endereçada a Brigitte Macron. No texto, elas exprimem, como cidadãs brasileiras, “solidariedade e indignação”. O grupo afirma que a atitude “desprezível” do presidente brasileiro é “preocupante e vergonhosa”. As declarações “misóginas, discriminatórias e grosseiras do presidente desonram o povo brasileiro”. Bolsonaro, assim como sua política, “não nos representam”, escrevem as “Brasileiras de Paris”.

[BeteVR Resistir!](#) [@VrBete](#)

Pardon! Pardon Brigitte! [#DesculpaBrigitte](#)

62. "É grave o comportamento do governo brasileiro em relação às queimadas", diz FHC

<https://www.facebook.com/domingosroberto.todero/posts/1495460867245478>

Publicado em 26-08-2019 Modificado em 26-08-2019 em 14:59

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso diz que o presidente Jair Bolsonaro está condenado a perder se quiser peitar a comunidade internacional.

A declaração foi feita em entrevista à RFI em Buenos Aires, na última sexta-feira (23).

Márcio Resende, correspondente em Buenos Aires

FHC considera que a perda da reputação em matéria de meio ambiente afeta a diplomacia brasileira e que a reação das forças sociais brasileiras serão cruciais na disputa entre aceitar as queimadas ou preferir o desenvolvimento sustentável.

Para o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, se o presidente Jair Bolsonaro quiser enfrentar toda a pressão internacional estará condenado a perder no confronto porque "o Brasil não tem força para peitar o mundo".

"Se ele peitar toda a pressão internacional, ele está condenado a perder. Nós não temos força para peitar o mundo", adverte.

"Se falar muito, atrapalha"

De qualquer forma, Fernando Henrique considera que é pouco o que a comunidade internacional possa fazer, para além de criticar. "E, se falar muito, atrapalha", avisa.

"É pouco (o que a comunidade internacional pode fazer). E, se falar muito, atrapalha porque fortalece a visão de interferência externa. O sentimento muito arraigado nas novas gerações e nos países centrais é o de preservação", considera FHC.

Fernando Henrique Cardoso avaliou o comportamento de Jair Bolsonaro como "grave" e que o desgaste na imagem do Brasil afeta o poder da sua diplomacia numa matéria em que o Brasil tinha reputação. "É um erro do governo", aponta.

Perigo de rejeição ao Brasil

"É grave (o comportamento do governo brasileiro). É grave porque se desatam forças irracionais. Começa a haver uma rejeição à imagem do Brasil. O Brasil tinha uma posição bastante tranquila no chamado softpower (poder suave da diplomacia) em função basicamente dos avanços do Brasil na questão do clima. Por que perder isso? É um erro, a meu ver, do governo", avalia.

O ex-presidente também criticou o governo de Jair Bolsonaro na sua atitude de negar as evidências e indicou que o ponto central na discussão não é o papel da ONGs, mas o interesse do próprio Brasil de ter uma agricultura sustentável, algo que "o grande agronegócio brasileiro sabe".

"Achei um pouco rude o governo do Brasil negar as evidências. E despropositadas porque os nossos interesses vão por outro lado. O grande agronegócio brasileiro sabe disso. Tem-se comportado crescentemente de uma maneira racional. Eu não sei por que o governo resolveu achar que é uma manobra dos estrangeiros e das ONGs contra nós. Pode haver. Há desinformação também. Mas não é o central. O central é que nós temos de cuidar do nosso próprio interesse. E é do nosso interesse ter uma agricultura sustentável", afirma.

O mas importante, sublinha FHC, é ver qual será a reação das forças sociais brasileiras. "Vão comprar a ideia de queimadas?", questiona.

"É preciso ver o que vão fazer as forças sociais do Brasil. Nós vamos comprar essa ideia (de Bolsonaro sobre o clima) ou vamos achar que nos interessa mais o desenvolvimento sustentável do que simplesmente apoiar as queimadas?", indaga.

Desgaste com a sociedade

Fernando Henrique Cardoso também observa um desgaste na relação do governo com a sociedade. Desgaste por uma postura radical que se choca contra a cultura nacional.

"É difícil que prevaleça essa posição de radicalismo, de intransigência e de negatividade. Isso vai muito contra a cultura nacional, contra o modo de ser brasileiro. O modo de ser do brasileiro é mais de transigência, de aceitação", conclui.

Fernando Henrique Cardoso passou a semana dando palestras em Buenos Aires, onde também manteve uma reunião com o presidente Mauricio Macri.

63. Amazônia: que o próprio Brasil resolva **Milton Saldanha, jornalista FB 27 AGO**

Ninguém precisa entender de ecologia, botânica, clima, meio ambiente e o escambau para saber que desmatar uma floresta é crime. E que isso pode gerar um deserto, com terras irrecuperáveis.

Como se fossem eles entendidos em alguma coisa, bolsonaristas criticam a esquerda, e a oposição de direita, por enveredar na discussão do tema amazônico.

Esquecem os lindos que o presidente que elegeram desqualificou os órgãos ambientais, desautorizou técnicos e cientistas, armou uma guerra desnecessária contra o INPE, proibiu multas, e teve até o desplante mesquinho de mandar demitir o fiscal que o multou há dez anos por pesca ilegal, em área de proteção ambiental, em Angra.

Traduzindo, deu aval, senão direto, mas indireto, para os delinquentes que estão tocando fogo na floresta. Porque eles sabem, ou pensam, que estarão acobertados pela impunidade.

Nada disso, porém, sugere que tenhamos que endossar a tese imperialista de Emmanuel Macron, pregando um estatuto internacional para a Amazônia.

Uma forma branca de intervenção em território brasileiro.

O Mar do Norte é o mais poluído do mundo. Por coerência um estatuto similar deveria ser aplicado aos europeus, volta e meia afetados pela cultura colonialista de séculos.

Compete ao próprio Brasil resolver essa parada.

Uma das formas é colocar freios institucionais nas insanidades de Bolsonaro. Outra, apertar nas leis de controle ambiental.

Seja pela via do convencimento, negociando e pedindo moderação, ou pelo recurso legal e legítimo, em última instância, do impeachment.

64. AMAZÔNIA

Eugenio Giovanardi – FB 27 AGO -

A Amazônia está sendo abatida e desentranhada, no Brasil, por brasileiros, no Peru, por peruanos, no Equador, por equatorianos, na Colômbia, por colombianos e na Bolívia, por bolivianos. As empresas estrangeiras copartícipes da insensatez econômica estão, nessas áreas, com a anuência de seus governos. O desmatamento, o fogo e a mineração são o começo da degeneração orgânica do bioma, pela perda quase definitiva da biodiversidade, garantia da vida na floresta. Milhares de vidas são mortas pelo desmatamento e pelo fogo ou expulsas de seu habitat e de sua alimentação. O ponto essencial dessa expulsão e dessa destruição gradativa do bioma é o tempo necessário à regeneração da biodiversidade estimado em centenas de anos mesmo com reflorestamento. É lamentável e indignante que o chefe do governo brasileiro e seus principais colaboradores insistam em ignorar os efeitos de decisões antiecológicas e antinaturais que se contrapõem às leis físicas e à racionalidade no uso dos bens da natureza. A África, a Ásia, a Europa, nos últimos 20 mil anos, trilharam esse caminho de terra arrasada com produção de alimentos, mineração e crescimento da população. Por que temos nós que repetir essa experiência que leva ao precipício? Insisto: o tempo de regeneração da biodiversidade vegetal e animal é o ponto crucial do desmatamento e do fogo. Levará centenas de anos para se recompor – parcialmente, porque milhares de espécies foram extintas. As novas gerações do Homo sapiens, se forem ouvidas, certamente encontrarão soluções que nós não sabemos lhes oferecer.

2626

65. Gunter Axt – A História

25 de agosto às 15:24 -

Parece q tem manifestação marcada p hje, de pessoal defendendo a Lava Jato e pedindo impeachment do Toffoli. Mas tá estranho, pq Toffoli golpeou a Lava Jato (e investigações q emparceravam COAF e MP) a pedido do Baby 01 e o presidente gostou tanto que mandou COAF p o Banco Central e interveio em chefias da Receita Federal e da Polícia Federal, gerando grave crise institucional. Portanto, o maior inimigo da luta contra a corrupção hje no Brasil não é o Toffoli, como alguns pretendem, mas o presidente da República, que se elegeu justamente com discurso de faxina. Então, p manter coerência – e credibilidade – esse pessoal não tinha de estar pedindo o impeachment do

presidente? Bancada do partido governista já disse q não vai na manifestação. Pode não parecer, mas o povo cobra coerência, viu gente? A História tb.

STF acertou ao anular a decisão de Moro, diz Reinaldo

"O que está na raiz dessa anulação? Vamos ver. A lei garante que a defesa do réu apresente por último ao juiz as alegações finais. E deve ser incontroverso, para gregos e troianos, que assim há de ser. Afinal, as pessoas têm o direito de saber do que as acusa o Estado para que possam se defender", diz ele

28 de agosto de 2019 - <https://www.brasil247.com/brasil/stf-acertou-ao-anular-a-decisao-de-moro-diz-reinaldo>

247 – "O Supremo tomou uma das decisões mais importantes, se não for a mais importante, desde que questões relativas à Lava Jato são decididas no tribunal. Mais uma aberração estava em curso sem que dela nos déssemos conta. Aberração contra o devido processo legal, contra as garantias individuais, contra o direito à ampla defesa, previsto na Constituição. Não se vai falar aqui sobre inocência ou culpa, mas sobre condenar segundo a Carta Magna ou contra ela", diz o jornalista Reinaldo Azevedo, em [artigo publicado no seu blog](#).

"O que está na raiz dessa anulação? Vamos ver. A lei garante que a defesa do réu apresente por último ao juiz as alegações finais. E deve ser incontroverso, para gregos e troianos, que assim há de ser. Afinal, as pessoas têm o direito de saber do que as acusa o Estado para que possam se defender. E o juiz formará sua convicção com os elementos que, então, compõem os autos", aponta ainda o jornalista.

"É evidente que o juiz não pode considerar que colaboradores e não-colaboradores são réus de mesma natureza quando um é o que acusa, ainda que admitindo eventuais culpas (e essa é uma das condições para ter minorada a sua pena), e o outro é o acusado. Como é que aquele que vai

sofrer a sanção do Estado pode entregar ao juiz uma alegação final eficiente se não pode contestar — DIREITO SAGRADO NAS DEMOCRACIAS — a acusação de que é alvo? E acusação, reitere-se, de quem pretende se livrar das próprias penas?", questiona.

O caso de Bendine volta agora à primeira instância e o mesmo pode acontecer com o ex-presidente Lula.

66. Procuradora da Lava Jato sente culpa e pede desculpas ao ex-presidente Lula

<https://cartacampinas.com.br/2019/08/x-procuradora-da-lava-jato-mostra-dignidade-e-pede-desculpas-ao-ex-presidente-lula/>

By [Carta Campinas](#) // on quarta-feira, 28 ago 2019 08:27 AM /

A procuradora Jerusa Viecili, da Operação Lava Jato de Curitiba, sentiu culpa e mostrou dignidade ao pedir desculpas públicas ao ex-presidente Lula por ter ironizado a morte de seus parentes. Ela escreveu em rede social:



Jerusa Viecili (foto reprodução – arquivo pessoal)

“Errei. E minha consciência me leva a fazer o correto: pedir desculpas à pessoa diretamente afetada, o ex-presidente Lula”.

A atitude da procuradora é mais uma prova irrefutável de que os diálogos da Lava Jato são verdadeiros e os erros devem ser reparados pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça) e pelo CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público).

O horror é que os outros procuradores aparentemente não sentem culpa do que fizeram e não se manifestaram. Faltam agora os outros procuradores pedirem desculpas ao ex-presidente Lula.

O jornalista Glenn Greenwald, que está divulgando as informações da Vaza Jato, lembrou no Twitter: “Todos os humanos erram: todos nós. E se desculpar, sobretudo em público, é difícil e merece crédito. Mas: assim como Moro fez quando se desculpou com a MBL, observe como admitem a autenticidade do material quando querem. O jogo cínico de Moro e Deltan foi enganoso desde o início”.

67. Sergio Moro pode acabar preso na teia de aranha que ele mesmo teceu

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/23/opinion/1563916187_444006.html?fbclid=IwAR3hb3XSu05iF5OVSFZiZtd_IhhCekYhcrQCz3Nhaj1KilJXQiA756ukabs

O juiz dos sonhos de Bolsonaro se vê dia após dia deixado a sós com seus projetos, que poucos congressistas, muitos deles ainda enrolados com a Lava Jato, têm interesse em aprovar

JUAN ARIAS - 21 AGO 2019 - 09:37 WEST

Ainda não acabou a história do mítico juiz [Sergio Moro](#), que com a operação [Lava Jato](#) criou um terremoto dentro e fora do Brasil, levando à prisão desde ex-presidentes da República, como o popular Lula da Silva, a empresários milionários, como Marcelo Odebrecht. De repente, o juiz deu o salto para a política, aceitando o Ministério da Justiça no governo de extrema direita de Jair Bolsonaro.

[As novas conversas publicadas no domingo passado pelo The Intercept](#) dão a entender que até o fiel escudeiro de Moro, o procurador-chefe da Lava Jato, [Deltan Dallagnol](#), e outros colegas seus ainda não entendem por que Moro deixou o cargo que o tornara mundialmente célebre para ir ser ministro da Justiça de Bolsonaro. Ainda mais em se tratando de um personagem tão discutido por suas declarações a favor da tortura e da ditadura, que mal suporta os diferentes e considera que os direitos humanos servem só para beneficiar os bandidos. Para ele, o importante são os “humanos direitos”. E nega que haja fome no Brasil.

MAIS INFORMAÇÕES



- Somente uma diplomacia de paz e não de guerra pode reconstruir a imagem do Brasil no mundo



- Quando o imperador Calígula nomeou seu cavalo cônsul



- O “não” taxativo dos brasileiros a armar a população. E agora, Bolsonaro?

Dallagnol faz intuir que Moro poderia ter se deixado subjugar por Bolsonaro por causa da possibilidade de conseguir uma vaga no Supremo Tribunal Federal. Há quem vá além e teorize que Moro, que apesar de todas as críticas continua sendo o ministro mais popular, tem os olhos postos na Presidência da República.

O hoje ministro da Justiça já havia explicado aos seus, para tranquilizá-los, que sua intenção ao aceitar o ministério tinha sido a possibilidade de modernizar e reestruturar boa parte da legislação brasileira, moldando-a à existente nas democracias mais sólidas, como as dos Estados Unidos, Alemanha, França e Inglaterra.

À luz, entretanto, dos pouco mais de seis meses no Governo, Moro começa a se ver apanhado na teia de aranha que ele mesmo foi tecendo. O medo de seus amigos, começando por Dallagnol, é o que poderia ocorrer se, já no Governo, Moro pudesse constatar, por exemplo, que a corrupção contra a qual lutou durante anos existe também entre os membros da família do Presidente e poderiam chegar a alcançar o próprio Bolsonaro e sua esposa, Michelle, [como bem expôs Flávia Marreiro em seu artigo de domingo passado neste jornal](#).

Moro, de fato, a quem Bolsonaro captou para seu governo como um troféu, já que uma das bandeiras de sua campanha era a batalha contra a corrupção e a defesa da Lava Jato, entendeu em seguida que se meteu num vespeiro. Que poderia servir ao presidente para conter as acusações de corrupção, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, [como é o caso de seu filho, o senador Flavio](#), mas que salpicam toda a família. Escândalo este que está cruzado por dois buracos negros: o assassinato da ativista social [Marielle Franco](#) e o misterioso destino do ex-PM Queiroz, que era amigo do presidente desde que o hoje senador Flavio tinha cinco anos, e que se suspeita que estivesse ligado aos milicianos assassinos da jovem vereadora negra.

Moro, no princípio, tentou minimizar as denúncias. Primeiro afirmou que ele agora já não é juiz e não pode intervir em processos, e que além do mais tais acusações de corrupção ainda não estavam claras. Bolsonaro se adiantou a ele e conseguiu do presidente do Supremo, Dias Toffoli, uma estratégia para que seu filho senador não pudesse continuar sendo investigado, algo que está levantando poeira. A pergunta seria: se o presidente já não precisar de Moro para parar as acusações contra sua família, para que continuar a protegê-lo, ainda mais quando poderia ser seu adversário na tentativa de reeleição em 2022?

Na fachada, [Bolsonaro](#) continua prestigiando Moro, sobretudo porque sabe que os seus seguidores mais radicais estão com o juiz-mito, e que perdê-lo significaria um fracasso em seu governo. Na prática, de algum modo já o abandonou. Por exemplo, não fez nada para conseguir que o COAF ficasse no Ministério de Justiça. Seria um instrumento poderoso nas mãos de Moro. E nada está fazendo para que o tão alardeado projeto revolucionário do ex-juiz para o combate à criminalidade e a reestruturação da Justiça fossem prioritários em sua aprovação no Congresso. O Presidente não moveu uma palha a seu favor nem conseguiu que tramitasse paralelamente à reforma da previdência. Mais ainda, tanto o Congresso como o Senado foram pouco a pouco aguando os pontos mais importante do documento, como por exemplo a detenção após a condenação em segunda instância.

O juiz dos sonhos de Bolsonaro, que ainda não sabemos ao certo por que se deixou enfeitiçar pelo capitão que certamente sabia quem era, se vê dia após dia deixado a sós com seus projetos, que poucos congressistas, muitos deles ainda enrolados com a Lava Jato, têm interesse em aprovar.

E o que faz Moro? Não sabemos se por medo do isolamento ou por uma estratégia que só ele conhece, é hoje talvez o ministro que mais defende seu chefe, inclusive quando este escandaliza o país com suas afirmações racistas, como a de alguns dias atrás contra os nordestinos. Moro não precisava sair em defesa do presidente e, entretanto, o fez inclusive dos Estados Unidos, onde estava de férias com sua família, desmentindo que o presidente tivesse algo contra os nordestinos.

Assim, Moro vai dia a dia vendo-se mais apanhado nessa perigosa teia de aranha de seus comportamentos, sem que possamos imaginar como poderá sair dela, e menos ainda de cabeça erguida.

Enquanto isso, Bolsonaro vai tomando gosto por mandar e começa a enquadrar e afastar de seu Governo até generais importantes, para dar a entender que agora já é o presidente da República, e não aquele capitão na reserva que ainda jovem foi expulso do Exército por sua conduta subversiva. Queria usar métodos violentos e até de caráter terrorista para defender os soldados que, segundo ele, ganhavam pouco. Chegou a ameaçar envenenar a água que abastecia o Rio de Janeiro.

Agora Bolsonaro quer deixar claro que está acima dos próprios generais. Não é difícil, portanto, imaginar que se necessário chutaria Moro. Por enquanto, já

anunciou que a primeira vaga no Supremo será não para ele, como aparentemente havia prometido, e sim para alguém “terrivelmente evangélico” —um evangélico que crie terror no Supremo?

Quando Moro surpreendeu o país ao anunciar que deixava o cargo de juiz mais famoso do Brasil para ir com Bolsonaro, [este jornal escreveu um editorial intitulado “Moro tira a máscara”](#), dando a entender que com sua decisão ficava mais claro que sua verdadeira vocação era, desde o começo, a política. E há quem vá além ao suspeitar que muitas de suas condenações foram direcionadas para preparar o caminho aos seus futuros sonho de poder político, começando pela de Lula, que o impossibilitou de disputar uma eleição presidencial que certamente teria vencido.

É difícil entrar no pensamento do ex-juiz da Lava Jato, ainda jovem e com não poucas ambições. O que fica cada dia mais claro é que, para cair nas graças do presidente, está virando seu melhor defensor, inclusive em momentos nos quais, pelo contrário, deveria ter a coragem de lhe dizer *não* e até deixar o Governo. Moro é evangélico e homem da Bíblia. Deve conhecer, por isso, a passagem de Lucas, 17,1, onde Jesus diz a seus discípulos: “É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem!”. E também: “Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas” (Lc, 11,46).

A incógnita Moro continua aberta.

Adere a  **The Trust Project**
[Mais informações >](#)

MAIS INFORMAÇÕES



[Vazamentos da Lava Jato jogam luz nos limites éticos do Judiciário e MP](#)



Glenn Greenwald: “Moro sabe que eu sei tudo que ele disse e fez. E sabe que vamos contar tudo”

68. AMAZONIA - IMPORTANTE DOCUMENTO DOS MINISTROS DO MEIO AMBIENTE DE GOVERNOS ANTERIORES (1989 -2018) E PRESIDENTES OAB SPBC - CARTA AOS PRESIDENTES DA CAMARA E DO SENADO-

<https://www.esmaelmorais.com.br/2019/08/ex-ministros-do-meio-ambiente-pedem-moratoria-de-projetos-na-amazonia/>

Ex-ministros do Meio Ambiente compareceram ao Congresso Nacional nesta tarde de quarta-feira (28) para pedir aos presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ) e do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP) que o parlamento atue como moderador diante da crise ambiental envolvendo as queimadas na região amazônica e trave os projetos ambientais do governo Jair Bolsonaro para a região. “O Parlamento brasileiro tem o dever histórico de atuar como moderador e oferecer um canal de diálogo com a sociedade, única forma de reverter essa assustadora realidade”, afirmam os ex-ministros, na carta que será entregue a Maia e Alcolumbre.

Os nove ex-ministros também pedem a “suspensão imediata da tramitação de todas as matérias legislativas que possam, de forma direta ou indireta, agravar a situação ambiental no país”. Veja a íntegra do documento abaixo.

CARTA DOS MINISTROS DO MEIO AMBIENTE DOS GOVERNOS ANTERIORES PRESIDENTES OAB SPBC

Exmo Sr. RODRIGO MAIA

Presidente da Câmara dos Deputados,

Exmo Sr. DAVI ALCOLUMBRE

Presidente do Senado Federal,

O Brasil vive uma emergência ambiental. O desmatamento da Amazônia, que atingiu 7.536 km² entre agosto de 2017 a julho de 2018, está em crescimento acelerado conforme demonstram as projeções do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, corroboradas por diversas instituições de pesquisa nacionais e internacionais. Os focos de incêndio até agosto aumentaram 83% em todo o país e 140% na Amazônia, principalmente devido aos retrocessos na política socioambiental brasileira e da campanha ostensiva de representantes do Poder Executivo federal em favor de um modelo de desenvolvimento totalmente ultrapassado para a Amazônia e demais biomas do país. Nesse sentido, vimos, na qualidade de ex-ministros do Meio Ambiente, personalidades públicas e entidades nacionais representativas de diversos segmentos da sociedade, movidos pelo senso de responsabilidade que esta grave situação impõe a todos os democratas de nosso país, e também na busca por evitar as graves consequências ambientais, sociais, econômicas, políticas e diplomáticas que poderão advir da continuidade desta situação, propor aos senhores, representantes maiores do Poder Legislativo brasileiro, a adoção das seguintes medidas em caráter emergencial:

Suspensão imediata da tramitação de todas as matérias legislativas que possam, de forma direta ou indireta, agravar a situação ambiental no país; Moratória ambiental para projetos de leis e outras iniciativas legislativas que ameacem a Amazônia, povos indígenas e biodiversidade. Realização de audiências públicas em comissão especial do Congresso Nacional, com a participação de especialistas em proteção do meio ambiente, representantes das comunidades locais, do agronegócio e de agentes públicos federais e estaduais para tratar dos temas fundamentais da agenda socioambiental do país.

Neste momento, senhores Presidentes, consideramos necessário à realização de pelo menos três audiências públicas para tratar dos seguintes temas que nos parecem fundamentais: Riscos e oportunidades socioambientais à proteção da Amazônia e dos demais biomas brasileiros decorrentes das matérias legislativas em tramitação;

Novos marcos legislativos necessários ao aperfeiçoamento das ações voltadas à proteção e ao desenvolvimento sustentável da Amazônia e

dos demais biomas brasileiros;
Recomendações para a elaboração de um plano emergencial de ações para o enfrentamento da crise ambiental em curso, com a redução imediata do desmatamento e queimadas e proteção das populações tradicionais.

Solicitamos, senhores Presidentes, que essas medidas sejam tomadas em caráter de urgência. Para tanto, nos colocamos à disposição do Congresso Nacional para contribuir em todas as fases desse processo, seja indicando especialistas, participando das discussões ou de outras formas que os senhores considerarem adequadas.

O desmonte das instituições federais (Ministério do Meio Ambiente, IBAMA e ICMBio), como também das políticas e programas de proteção ao meio ambiente e do Fundo Amazônia que vem sendo promovido pelo governo federal, além de provocar inaceitável degradação do patrimônio natural e da qualidade ambiental do país, está colocando em risco a segurança de populações indígenas e comunidades tradicionais e afetando diretamente a saúde pública, fato tão bem evidenciado com a chuva negra que caiu sobre São Paulo recentemente. A comoção mundial é de tal ordem que ameaças de boicote às exportações brasileiras surgem em diversos países, pondo em risco a própria balança comercial do País.

Esses fatos, senhores Presidentes, exigem de nossas instituições respostas à altura. O Parlamento brasileiro tem o dever histórico de atuar como moderador e oferecer um canal de diálogo com a sociedade, única forma de reverter essa assustadora realidade.

Esta é a hora de nos unirmos pelo bem do Brasil. Urge mostrar ao mundo que nossa nação e nossas instituições são capazes de oferecer perspectivas reais para a solução dos gravíssimos problemas que enfrentamos e zelar pelo respeito aos compromissos firmados no âmbito do Acordo de Paris e na Convenção da Diversidade Biológica.

Aguardamos a convocação para que, sob a liderança de V. Exas. possamos ajudar a recolocar o Brasil no lugar de nação amiga das grandes causas do século 21: a proteção do meio ambiente e das comunidades menos favorecidas e o combate às mudanças climáticas e à exclusão social.

Respeitosamente,

Ex-Ministros do Meio Ambiente:

José Goldemberg - Rubens Ricupero - Gustavo Krause - Izabella Teixeira - José Sarney Filho - José Carlos Carvalho - Marina Silva -

Carlos Minc - Edson Duarte - Felipe Santa Cruz – Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - Ildeu de Castro Moreira – Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)

69. Em live, Bolsonaro grita 'ihuuuuuuuuuu' e ataca

João Doria

<https://www.brasil247.com/midia/em-live-bolsonaro-grita-ihuuuuuuuuuu-e-ataca-joao-doria>

Em sua Live no Facebook, Bolsonaro afirmou que Doria “mamou” em governos do PT. Ele disse - referindo-se a jatinhos financiados pelo BNDES: "João Doria comprou também. Explica isso aí. Só peixe. Amigão do Lula, da Dilma. Eu vejo o Doria falando de vez em quando ‘minha bandeira jamais será vermelha’. É brincadeira! Quando estava mamando lá a bandeira era vermelha com um foçasso e um martelo sem problema nenhum, né? Ihuuuu, tá ok?"

29 de agosto de 2019, 23:15 h

•

247 - Em sua Live no Facebook, Bolsonaro afirmou que Doria “mamou” em governos do PT. Ele disse - referindo-se a jatinhos financiados pelo BNDES: "João Doria comprou também. Explica isso aí. Só peixe. Amigão do Lula, da Dilma. Eu vejo o Doria falando de vez em quando ‘minha bandeira jamais será vermelha’. É brincadeira! Quando estava mamando lá a bandeira era vermelha com um foçasso e um martelo sem problema nenhum, né? Ihuuuu, tá ok?"

A tensão entre Bolsonaro e Doria aumentou depois que Alexandre Frota foi expulso do PSL para se filiar ao PSDB. A troca de farpas entre os dois também

se intensifica com as pressões políticas de Brasília e com a proximidade das eleições de 2020.

70. Lira Neto diz que frase de Dallagnol é inspirada no Manual do Inquisidor, publicado em 1578

30 de agosto de 2019 - <http://bemblogado.com.br/site/lira-neto-diz-que-frase-de-dallagnol-e-inspirada-no-manual-do-inquisidor-publicado-em-1578/?fbclid=IwAR0RJ1R6EdtLxMa61ncuab7CwFkqKJn8ILTpG3ilnseGJwIDV-5ERe20mz8>

Publicado na *Revista Fórum* –

Autor das biografias “Getúlio”, “Padre Cícero” e “Maysa”, Lira Neto diz que a frase “Ir lá e dizer que ele perderá tudo. Colocar ele de joelhos e oferecer redenção”, escrita por Dallagnol em grupo de procuradores remete ao manual usado pelos tribunais de inquisição da igreja católica

Deltan Dallagnol em palestra para bancos e empresas de cobrança (Reprodução)

O escritor Lira Neto, autor das biografias “Getúlio”, “Padre Cícero” e “Maysa”, entre outras obras, disse nesta quinta-feira (28) em sua página no Twitter que a frase atribuída a Deltan Dallagnol na [reportagem da Vaza Jato sobre os vazamentos seletivos](#) da força-tarefa à mídia para pressionar investigados parece ter sido inspirada no livro “Manual do Inquisidor”.

“A frase de @deltanmd, ‘Ir lá e dizer que ele perderá tudo. Colocar ele de joelhos e oferecer redenção’, revelada pelo @TheInterceptBr, parece diretamente inspirada em dois trechos do ‘Manual do Inquisidor’, publicada em 1578”, tuitou Lira.

O escritor citou trechos da obra – escrita por Nicolau Eymerich por volta de 1376, que foi revista e ampliada por Francisco de la Peña em 1578 – que serviu como uma espécie de manual de procedimentos dos tribunais de inquisição da Igreja Católica.

Veja também: Governadores pedem reunião com Bolsonaro para tratar da Amazônia

“Se o acusado teimar em negar o crime, deverá o interrogador dizer [...] que desagrada o ter que se ver obrigado a deixá-lo apodrecer na prisão, que bem desejava tirar a limpo toda a verdade da sua boca a fim de o poder mandar embora”, tuitou Lira, seguido de um novo tuíte.

“Poderá o Inquisidor valer-se de semelhante manha, com o fim de descobrir a verdade? [...] Conquanto uma tal forma de fingimento seja desaprovada por Juliano Clarius e outros jurisconsultos, julgo que dela se poderá usar nos tribunal da Inquisição”.



[Lira Neto @LiraNeto](#)

A frase de [@deltanmd](#), "Ir lá e dizer que ele perderá tudo. Colocar ele de joelhos e oferecer redenção", revelada pelo [@TheInterceptBr](#), parece diretamente inspirada em dois trechos do "Manual do Inquisidor", publicada em 1578. Segue.

3.649

[16:11 - 29 de ago de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

1.083 pessoas estão falando sobre isso

Manual da Inquisição

A edição brasileira do “Manual do Inquisidor” foi prefaciado por Leonardo Boff, que indaga logo no início.

“Ao se terminar a leitura do Manual dos Inquisidores, a primeira reação é de perplexidade e de espanto: como é possível tanta desumanidade dentro do cristianismo e em nome do cristianismo?”, pergunta.

Veja também: “Hackers” não minaram credibilidade de conversas da Vaza Jato, aponta pesquisa

Em um texto esclarecedor sobre a obra, Boff diz que os sonhos originais da proposta cristã são de ilimitada generosidade e lança nova indagação ao final.

“Deus é pai com características de mãe; todos são filhos e filhas de Deus; o Verbo ilumina cada pessoa que vem a este mundo; a redenção resgata toda a humanidade; e o arco-íris da benevolência divina cobre todas as cabeças e o universo inteiro. Como se passa deste sonho para o pesadelo da Inquisição?”

De **joelhos**
Na conversa divulgada pela Vaza Jato, Dallagnol escreve a um repórter do Estadão vazando um caso da Lava Jato e pergunta se ele tinha interesse em publicar a história. Depois que a reportagem foi publicada, Dallagnol comenta em chat com procuradores que a estratégia, a partir dessa divulgação, seria dizer ao investigado que ele “perderia tudo” e “colocar ele de joelhos e oferecer redenção”, em tentativa de fazer com que ele delatasse outras pessoas.

71. China ignora Bolsonaro e firma parcerias com o Nordeste

https://fb.hojenoticias.com.br/china-ignora-bolsonaro-e-firma-parcerias-com-o-nordeste/9?fbclid=IwAR2hU5mJXyhIQIAazPhO_GYVKP29NGH8Y3atJuxfpOtcitv1aLc6wTLgvQ4

Política

Enquanto os EUA pressionam o governo Bolsonaro para barrar certos investimentos chineses no país, empresas de tecnologia da China, inclusive as banidas pelo governo americano, aumentam seus laços e suas vendas a governos do Nordeste do Brasil.

As empresas chinesas de tecnologia Huawei, ZTE, Dahua e Hikvision, todas sob algum tipo de embargo americano sob acusação de representarem ameaça à segurança nacional, estão negociando ou fornecendo serviços e produtos no Nordeste.

O intercâmbio entre a China e os nove estados nordestinos nunca foi tão intenso. Só neste ano, quatro governadores e dois vice-governadores da região estiveram no país asiático — e a peregrinação de secretários foi ainda maior. A China também mandou inúmeras comitivas para os estados.

72. 'Doria está morto' para 2022, diz Bolsonaro

Presidente afirma que governador não representa ameaça na próxima disputa presidencial

Lorena Rodrigues, O Estado de S.Paulo .
<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,doria-esta-morto-para-2022-diz->

[bolsonaro,70002991334?utm_source=estadao%3Afacebook&utm_medium=link&fbclid=IwAR3hwZ1sMvo_sbDN6Cp4vNiwM7gv5FmJ6kRWQxIB7DXLQ8keJvttX4b_GP8](https://www.facebook.com/estadao/?utm_source=estadao%3Afacebook&utm_medium=link&fbclid=IwAR3hwZ1sMvo_sbDN6Cp4vNiwM7gv5FmJ6kRWQxIB7DXLQ8keJvttX4b_GP8)

31 de agosto de 2019 | 17h18

BRASÍLIA - O presidente **Jair Bolsonaro** disse neste sábado, 31, que um de seus potenciais adversários na corrida eleitoral em 2022, o atual governador de São Paulo, **João Doria** (PSDB), não representa uma ameaça. "Doria está morto", disse.

LEIA TAMBÉM [>João Domingos: Freios e contrapesos](#)

Segundo o presidente, o governador tem "enchido o saco" e, por isso, ele tem respondido à altura. Bolsonaro afirmou ainda que Doria era "peixe" do PT e que começou a dizer que sua "bandeira não era vermelha" somente após a eleição de **Dilma Rousseff**, em 2010.

Bolsonaro participou de um churrasco no quartel-general do Exército, em Brasília. Pouco depois de entrar, o presidente mandou os seguranças convidarem um grupo de jornalistas e motoristas de veículos de comunicação que o esperavam na porta para participar do evento. Ele conversou por cerca de uma hora e meia com os jornalistas. A conversa não pôde ser gravada e todos foram orientados a deixar os celulares do lado de fora.

A troca de farpas entre Doria e Bolsonaro se intensificou nos últimos dias, após o **BNDES** divulgar uma **lista** de pessoas que se beneficiaram de taxas de juros mais baixas para empréstimos para comprar jatinhos. A linha de crédito foi lançada em 2009. Doria, que na época era empresário, está na lista dos que recorreram ao banco de fomento.

Nesta quinta-feira, em sua live semanal no Facebook, Bolsonaro afirmou que Doria "**estava mamando**" em governos do PT, referindo-se à compra de aviões com financiamento do BNDES. A declaração foi **rebatida** pelo governador, que, em evento em Berlim,

nesta sexta-feira, 30, negou ter qualquer relação com os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma.
Orçamento

O presidente demonstrou preocupação com os efeitos que a situação das contas públicas sobre suas chances de reeleição. Segundo Bolsonaro, o arrocho orçamentário pode "comprometer 2022". Ele disse, no entanto, não estar preocupado com isso. "Não pode ficar obcecado. É igual quando o rapaz está atrás da menina, se ficar obcecado ela não dá bola, é só esnobar que ela vem atrás."

O governo anunciou nesta sexta uma **proposta de Orçamento para 2020** com apenas R\$ 89,161 bilhões destinados às chamadas despesas discricionárias, que incluem investimentos e os gastos para manter a máquina pública em funcionamento. É o menor valor dos últimos dez anos. Os investimentos foram estimados em apenas R\$ 19,36 bilhões, queda de quase 30% em relação à proposta de 2019.

Além do quadro de dificuldades para 2020, a proposta orçamentária ainda prevê uma sucessão de déficits até 2022, um indicativo de que o governo seguirá gastando mais do que arrecada e elevando sua dívida pública.

A equipe econômica já alertou que os valores são insuficientes para garantir o pleno funcionamento do governo no ano que vem e que buscará medidas para conter o avanço das outras despesas e, assim, abrir espaço no Orçamento.

O teto de gastos limita o avanço das despesas à inflação do ano anterior, mas nem todas estão sob o controle do governo. Benefícios previdenciários e salários têm crescido num ritmo acima da inflação, o que obriga a área econômica a cortar de outras áreas para fazer caber tudo no teto.

O almoço foi uma confraternização com funcionários de gabinetes do Bolsonaro. Foram servidos churrasco, arroz, vinagrete, farofa e chope. Bolsonaro disse ter tomado "apenas um golinho", já que teria cota de uma lata de cerveja por mês. "A Michelle não deixa mais."

NOTÍCIAS RELACIONADAS

- [Eliane Cantanhêde: O efeito Macron](#)
- [Vera Magalhães: Governo Johnny Bravo](#)
- [William Waack: A próxima campanha de Sérgio Moro](#)

COLUNISTA

William Waack

Colunista

73. A próxima campanha de Sérgio Moro. Para efeitos práticos, neste momento Jair Bolsonaro está freando o lavajatismo.

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,a-proxima-campanha-de-sergio-moro,70002987126?fbclid=IwAR1CxbIpMR0TJkBSgSbodUITd7I62JkYsab04t0LYB8BJXiG9149KgDJDQg>

William Waack, O Estado de S. Paulo- 29 de agosto de 2019 | 03h00

Ao **anular uma condenação proferida pelo ex-juiz Sérgio Moro no âmbito da Lava Jato – a que atingia o ex-presidente da Petrobrás Aldemir Bendine –**, a Segunda Turma do STF apenas deu uma mãozinha no que já é uma tempestade perfeita para os principais expoentes da campanha anticorrupção.

LEIA TAMBÉM [>Ouça: Economia estagnada não combina com beligerância diplomática](#)

A primeira anulação de uma sentença de Moro **abre possivelmente caminho para outras contestações jurídicas**, embora prever resultados de disputas no campo do Direito no Brasil seja tão difícil quanto prever a política – a determinante em boa parte do que se decidiu nesse grande embate simbolizado pela Lava Jato. Ocorre que a atmosfera atual tem marcada

presença da noção de que se tornou necessário fiscalizar o fiscal, controlar o controlador, frear os procuradores.

Portanto, é um momento claramente contrário à Lava Jato entendida aqui como a capacidade de atuação coordenada de um grupo de juízes, procuradores, delegados e investigadores para manter o ímpeto e a eficácia de suas ações POLÍTICAS (não quer dizer que tenham perdido a capacidade operacional de investigar, prender e punir corruptos).

Moro já entrou num paradoxo relativamente comum na política: o de que excelentes resultados relativos de popularidade nas pesquisas não garantem resultados práticos à mesma altura dessa popularidade. No campo escorregadio da política Moro não tem sido capaz de ditar agenda, peitar adversários ou levar adiante o que considera essencial, como seu pacote anticrime, por exemplo.

Pior ainda, é uma espécie de refém do presidente da República, que, por razões pessoais e familiares, está empenhado em cortar as asas de órgãos de investigação e controle – exatamente os mesmos que Moro sempre considerou essenciais para combater os crimes de colarinho-branco.

As manifestações do último fim de semana contra a lei que pune abuso de autoridade deram aos políticos no Legislativo e a vários ministros no Supremo a clara ideia de que a “indignação popular” não é tão grande assim, e começa a padecer do cansaço trazido pela incessante efervescência de redes sociais.

Há uma clara convergência entre parte dos seguidores de Bolsonaro e as forças políticas no Legislativo e no Judiciário, empenhadas em colocar freios e impor limites à atuação sobretudo POLÍTICA dos expoentes da Lava Jato – uma disputa que, nunca é demais repetir, tem natureza jurídica apenas superficialmente. Juristas respeitados dizem, por exemplo, que o formalismo (correto) ao qual se recorreu para anular a sentença de Moro contra Bendine

mal disfarça o intuito da “freada de arrumação” dada pelo STF (que, por sinal, ninguém controla).

Moro está diante de uma trilha complicada. É impossível para ele acusar abertamente o governo Bolsonaro de prejudicar a Lava Jato (dependendo do que Jair Bolsonaro NÃO vetar na Lei de Abuso de Autoridade) e continuar fazendo parte desse mesmo governo. Há claros sinais de mal-estar entre outros seguidores de Bolsonaro e existe por parte deles uma cobrança explícita dirigida ao presidente, de quem se exige postura inequívoca em favor do lavajatismo, do qual foi um dos grandes beneficiados.

É uma atmosfera volátil na qual Moro tem tido dificuldades em se movimentar. Ela espelha em boa medida o fato de que forças que convergiram para liquidar um adversário – o PT, mas não só – e que fizeram parte da onda disruptiva das eleições de 2018 hoje estão entrando em choque numa luta pelo poder dentro do poder. Quaisquer que sejam os motivos do presidente (instinto político ou interesse pessoal), Bolsonaro parece hoje achar que o lavajatismo rendeu o que podia e, como ele mesmo declarou, “Moro não esteve comigo na campanha” eleitoral.

A pergunta é: em qual campanha política Moro estará em 2022?

74. MDB TENTA TROCAR FIGURINO DE ADESISTA PELO DE CRÍTICO DA ‘NOVA DIREITA ALTERNATIVA’

Postado às 06h20 | 31 Ago 2019 - <http://blogdoneylopes.com.br/mdb-tenta-trocar-figurino-de-adesista-pelo-de-critico-da-nova-direita-alternativa>

Painel FSP

Velha roupa colorida Partido que mais perdeu espaço no Congresso em 2018, o MDB recalibrou seu discurso para tentar evitar novo naufrágio político nas eleições municipais. Dona da maior bancada de prefeitos e vereadores do país, a sigla quer abandonar o figurino de adesista para apostar na análise crítica do bolsonarismo. Sob o título “Resistir outra vez”, texto da Fundação Ulysses Guimarães lembra do [papel da](#)

legenda na redemocratização, fala em resistência e conclui: “O desgoverno é a antessala da tirania”.

Vácuo O documento deve subsidiar a escolha da nova direção nacional da legenda, dia 6 de outubro. O texto não cita o nome do presidente Jair Bolsonaro, mas faz uma avaliação de sua vitória. Diz que, com os partidos enfraquecidos e a política arrasada, a eleição foi plebiscitária. “Não havia o centro.”

Vácuo 2 “De um lado, havia uma esquerda radicalizada e sem propostas. De outro, um candidato de uma nova direita alternativa que se espalha pelo mundo com uma pauta muito conservadora e pouco apreço pelas normas da democracia liberal e valores civilizatórios”, avalia a fundação.

Parte que me cabe Num mea culpa discreto, o documento diz que a corrupção abre caminho a demagogos e que a sigla não deve “temer nem esse debate nem essa luta”. Está cada vez mais consolidada a tese de que a presidência do MDB deve ser entregue ao deputado Baleia Rossi (SP), hoje líder do partido. Diversas correntes se uniram em torno dele.

75. MDB fala em ‘resistência’ e lança documento em defesa da democracia

https://www.esmaelmorais.com.br/2019/08/mdb-fala-em-resistencia-e-lanca-documento-em-defesa-da-democracia/?fbclid=IwAR14_C-tY0SAHxFQMkOb1vyoZQ6_E-A4mgwwLflcby_7_06o_nMo9Wj3AH4



O Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido que mais perdeu espaço no Congresso em 2018, ensaia uma renovação no discurso e uma depuração na imagem da legenda, associada ao adesismo e ao fisiologismo.

A Fundação Ulysses Guimarães lançou documento sob o título “Resistir outra vez”, que lembra o papel da legenda na redemocratização, fala em resistência e conclui: “O desgoverno é a antessala da tirania”, registra a coluna Painel da Folha de São Paulo.

O texto deve subsidiar a escolha da nova direção nacional da legenda, dia 6 de outubro. O documento não cita o nome do presidente Jair Bolsonaro, mas faz uma avaliação de sua vitória. Diz que, com os partidos enfraquecidos e a política arrasada, a eleição foi plebiscitária. “Não havia o centro.”

LEIA TAMBÉM:

[Desmante: CNPq ainda fará pagamento de agosto; para setembro nada](#)
[Estadão prevê “apagão” no governo de Bolsonaro e Guedes](#)
[Manuela se sente honrada de intermediar contato entre Glenn e o ‘hacker’](#)

“De um lado, havia uma esquerda radicalizada e sem propostas. De outro, um candidato de uma nova direita alternativa que se espalha pelo mundo com uma pauta muito conservadora e pouco apreço pelas normas da democracia liberal e valores civilizatórios”, avalia a fundação.

Num mea culpa discreto, o documento diz que a corrupção abre caminho a demagogos e que a sigla não deve “temer nem esse debate nem essa luta”. Está cada vez mais consolidada a tese de que a presidência do MDB deve ser entregue ao deputado Baleia Rossi (SP), hoje líder do partido. Diversas correntes se uniram em torno dele.

O documento fornece também as bases de um discurso para o MDB nas eleições municipais de 2020.

76. Anexo: BOLSONARO

BOUÇO



https://www.facebook.com/rolimmarcos/photos/a.473098236096660/2894909110582215/?type=3&eid=ARA7oezv9N13dPhvbjVUZ_6gQom2oz0MBWbOVsOXNKxt3Mup8gEWumAWt7I6dHXaR5Gnt92pa9isipn&_xts=%5B0%5D=68.ARD3ABs03jNURN-KrhcbkVydwcY1OaNNmQPPjePhOTKuiyRvzhRGIGG4wC2Jo0Da1njoOSPMjyEFF_vizgd1Bhqyinv6_uMKZLGEXCgyMMNzX-v483ZpCh8Px2ChE2raY11pSAvrzpQf1_qkVUB_m1Zcf61aG1JF4O9y8UMUJ0XGUK2JV6bZCfUN85Mrp2gR8kl1e1RG0C4jDxxx70o16QLGjE2zv-xDvHy_BbFS0bsPczmHQkxtN663CAggokF_9c8YFfLl-ETEqX89JsTuKS_XZRA6Tje0R9nNT-10sFnmMxM9f016ffdeOhMO4v_1V1A6jN1qTkSDSSf5gECwXMddroLEMPPzFa43qXOfBYwom4c6A8&_tn_=EHH-R

77. Charges do Bouço no mundo inteiro : Brasil ridicularizado

<https://www.facebook.com/btcesar/videos/2441188055927903/?t=19>

Naldo Corrêa – FB 25 AGOSTO -

O Rodrigo Peres Oliveira não se cansa de perguntar, e eu faço coro, "Até onde você está disposto a ir para defender o governo bolsonaro? Até onde vc vai descer? Qual o seu limite?"

O coronel Carlos Alfredo Pellegrino assim avaliou o capitão Bolsonaro, seu comandado no 8° GAC Pqdt, em 1982 e 1983:

1) “Deu mostras de imaturidade ao ser atraído por empreendimento de ‘garimpo de ouro’. Necessita ser colocado em funções que exijam esforço e dedicação, a fim de reorientar sua carreira. Deu demonstrações de excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente”.

2) “reflexo de sua imaturidade e a exteriorização de ambições pessoais, baseadas em irrealidades, aspirações distanciadas do alcance daqueles que pretendem progredir na carreira pelo trabalho e dedicação”.

3) “Nas rotinas de trabalho cotidiano, no exercício permanente das funções de instrutor, formador de soldados, e de comandante, faltavam-lhe a iniciativa e a criatividade”.

4) “tinha permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos”.

Naquele momento, afirmou Pellegrino, seu comandado estava atraído por uma “confusa mescla de ambições, aspirações e valores menores”.

Este capitão foi considerado, por unanimidade de um Conselho de Justificação (Tribunal de Honra), "indigno para o oficialato".

Hoje é Presidente do Brasil, com o inacreditável (pra mim, inaceitável) apoio e suporte de diversos generais e da maioria dos integrantes das Forças Armadas.

Via Marcelo Pimentel Jorge de Souza

Gilberto Dimenstein – FB 7 de agosto de 2018

Pedi socorro nas redes para descobrir quem é o autor desse texto, que considero um primor de síntese. Depois de quatro dias, enfim chegou a resposta. É de André

Nascimento Pontes, professor de Lógica do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas.

Mario Madureira – FB 29 ago

Quando os camisas negras marcharam sobre Roma sob o comando do ex-cabo Benito Mussolini, muitos acharam graça. Quando os camisas pardas espancavam opositores nas ruas da Alemanha, sob as ordens do também ex-cabo Adolf Hitler, muitos atribuíram a uma loucura sem futuro.

Quando falanges gritavam “viva la muerte” sob as ordens do General Franco, ninguém poderia imaginar que governaria a Espanha até sua morte.

Não importa se cabo, general ou capitão, a loucura faz mártires reais e deve ser parada antes que destrua a democracia, sempre sua primeira vítima.

É preciso entender. O eleitor do Bolsonaro não vai ficar constrangido ou mudar de opinião vendo a diarreia mental e o rebosteio que as ideias do seu candidato provoca. Isso exige um outro patamar de civilidade, de sensibilidade humana. Não é por argumento, História, números, estudo técnico, que o eleitor do Bolsonaro se interessa. Eles querem é um amplificador do seus próprios preconceitos. Uma metralhadora de frases de efeito. Daí a empatia. O Bolsonaro é uma auto imagem de muitos brasileiros: racista, homofóbico, misógino, sádico e subletrado. Todo mundo tem um Bolsonaro perto de si dizendo diariamente muito do que foi dito no Roda Viva: um amigo, um marido, um tio, um avô, um colega de trabalho... Bolsonaro não é um mito, Bolsonaro é um espelho da ignorância humana.

Cassio Loretti Werneck FB 27 AGO

Esse governo já insultou a Argentina, a Alemanha, a Noruega, a Holanda e a França. Sem falar em Cuba e Venezuela. Sem falar no risco que o presidente do Paraguai está correndo por causa de negócios estranhos com o Brasil. E ele exige que o presidente da França retire as ofensas?!

Paulo Baía – FB 16 AGO-: A MATANÇA

Jovens mestiços, negros e favelados estão sob ataque criminoso.

Não tem dia nem hora, é o tempo todo.

Não se pode calar diante da matança.

https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/negros-representam-71-das-vitimas-de-homicidios-no-pais-diz-levantamento.ghtml?fbclid=IwAR2xy1vECdNpA_im8e1ZbMTTxllzvFTR8ghX5ley1YjhMcpaMidVYy6Mxl

Milton Saldanha FB15 de agosto – SOCORRO!

No Brasil surreal votam-se leis para conter abusos de autoridades. Ai essas autoridades reclamam que sem abusos não podem coibir outros abusos. Socorro!

Cesar Benjamin – FB 13 ago

Bolsonaro e seus amigos ainda não entenderam que dados sobre desemprego, crescimento do PIB, desmatamento e outros, produzidos por órgãos públicos, não pertencem ao governo, muito menos ao presidente. São bens públicos. Pertencem à sociedade.

Essa gente é o atraso do atraso do atraso.

Advertência de [Cesar Benjamin](#)

"O núcleo ideológico do bolsonarismo não quer fazer um governo de direita. Quer romper as instituições. Estamos caminhando para isso, claramente. Pode ser um processo mais caótico e mais violento do que o da implantação do regime militar em 1964".

[Hosana Barata](#) FB - Família, a sagrada base de tudo

A preocupação de Flávio Bolsonaro com a família é tocante. Além de arranjar emprego para a esposa e filhas de Fabrício Queiroz – uma delas como assessora fantasma de seu pai –, ele empregou também a mãe e a esposa do ex-Bope Adriano Nóbrega. Sim, o mesmo que é apontado como um dos assassinos de Marielle Franco.

A mãe do ex-policial, Raimunda Veras Magalhães, também é sócia de um restaurante que fica longe da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, mas em frente à do Banco Itaú onde foram feitos 17 depósitos em dinheiro vivo na conta de Queiroz. Ela é citada nas movimentações suspeitas detectadas pelo Coaf.

<https://theintercept.com/2019/01/22/bolsonaros-milicias/>

Marco Antonio Carvalho Teixeira FB 17 ago: Moro.

Penso que a equação é a seguinte: no governo, Moro está bem menor do que entrou, sem autonomia e sob a tutela de Bolsonaro. Todavia, ele é bem mais popular que o chefe. Se permanecer até 2022 e o governo sobreviver até lá, pode virar vice do Jair. Mourão será rifado de qualquer modo. Se sair do governo mantém popularidade e será vice do Doria. A tendência é João Doria abrigar desafetos de Bolsonaro no PSDB - como fez com o Frota - para seu projeto presidencial. Taokey?

78. O holocausto brasileiro

"As pessoas vão morrendo aos poucos nas filas de hospitais sem remédios; a floresta amazônica, derrubada pelo exército de moto-serras, arde em chamas para dar lugar a pastos; os empregos e os direitos trabalhistas são dizimados; a educação pública agoniza junto com a aposentadoria dos idosos", escreve Ricardo Kotscho, do Jornalistas pela Democracia, em referência ao governo Jair Bolsonaro

•

Por Ricardo Kotscho, no [Balaio do Kotscho](#) e para o [Jornalistas pela Democracia](#) - 10 de agosto de 2019, 14:04 h

"O Brasil está sob uma tirania com aparência de democracia" (Jurista Pedro Serrano, em entrevista à TV 247).

Sim, ainda não temos campos de concentração, nem câmeras de gás.

Mas as pessoas vão morrendo aos poucos nas filas de hospitais sem remédios; a floresta amazônica, derrubada pelo exército de moto-serras, arde em chamas para dar lugar a pastos; os empregos e os direitos trabalhistas são dizimados; a educação pública agoniza junto com a aposentadoria dos idosos.

Como já nos faltam palavras, só mesmo recorrendo ao “pai dos burros”.

No Dicionário Informal, a palavra que mais se aproxima do atual estágio da degradação civilizatória do país é Holocausto, a denominação dada ao extermínio de milhões judeus pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial.

Entre os 15 significados populares da palavra, estão bagunça, confusão, desastre, sacrifício, castigo, expiação.

Que melhor definição poderíamos encontrar para o que estamos vivendo no Brasil de 2019, governado por um boçal aprendiz de ditador e seus fanáticos seguidores?

Entre os antônimos de Holocausto, encontrei as palavras organizado, arrumado, vida _ ou seja, tudo o que nos faz falta hoje.

Na semana em que o capitão presidente condecorou o coronel torturador-mor Brilhante Ustra com o título de “herói nacional”, ameaçou jornalistas e deu uma declaração escatológica sobre a preservação do meio ambiente, fomos informados de que o desmatamento na Amazônia aumentou 277,9% em julho de deste ano, em comparação com o mesmo mês de 2018, segundo o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

E o que fez o governo diante desta catástrofe ambiental? Demitiu o presidente do Inpe, o físico Ricardo Galvão, e colocou no posto um militar da Aeronáutica.

Na mesma edição da Folha, em reportagem de Fábio Zanini e Flávia Faria, ficamos sabendo que a violência policial disparou em São Paulo e no Rio.

“Os números de pessoas mortas por policiais militares em serviço no Estado de São Paulo cresceu 11,5% no primeiro semestre deste ano, comparado com o mesmo período do ano passado. No Rio, até junho, a polícia foi responsável por 29% das mortes violentas no Estado, um recorde”.

Foram 426 pessoas mortas por policiais em São Paulo e 881 no Rio, de janeiro a julho.

Assim como o inominável presidente, os governadores de São Paulo, João Doria, e do Rio, Wilson Witzel, liberaram suas polícias para atirar primeiro e perguntar depois.

Morte, vingança e destruição são as marcas desses governos eleitos em 2018 sob a bandeira da “nova política”.

Não por acaso, a imprensa, a OAB e as instituições do Estado, como o Ibama e o Inpe, responsáveis pela defesa do meio ambiente, e a educação pública são os principais alvos da nova ordem unida, que desafia a Constituição e o Estado de Direito, para implantar um regime de força no país.

Para obrar seu intento, o capitão conta com 147 generais na ativa e nada menos de 5.290 na reserva, segundo a coluna de Lúcio Vaz, na Gazeta do Povo, provavelmente o maior batalhão de generais de pijama do mundo.

Eles custam ao país R\$ 1,7 bilhão por ano e ficaram fora da reforma da Previdência. Muitos deles agora dobraram seus proventos porque foram requisitados pelo capitão para cargos no governo.

E ainda dizem que “as instituições estão funcionando normalmente”.

A prosseguir assim, ainda viraremos uma imensa Siripinas, o casamento incestuoso de Síria com Filipinas, deixando a Venezuela no chinelo.

Bom final de semana a todos.

Vida que segue.

(Conheça e apoie o projeto [Jornalistas pela Democracia](#))



79. Método da loucura derrotará Bolsonaro

REINALDO AZEVEDO - 9 de agosto de 2019 FSP

<https://blogdacidadania.com.br/2019/08/bolsonaro-nunca-pretendeu-governar-efetivamente-o-pais/>

O jogo de Jair Bolsonaro tem zero de improviso e cem por cento de método. Isso não quer dizer que seja eficiente ou bom. Ser metódico não é sinônimo de estar correto. Especialmente quando se toma a decisão de dar uma banana ao resto do mundo.

O presidente já passou a operar no modo eleitoral. Deflagrou a campanha pela reeleição tão logo a Câmara aprovou em primeira votação a reforma da Previdência. O placar alargado, reafirmado com poucas defecções na quarta (7), lhe deu a certeza de que o jogo da economia está ganho. Aí já há um erro essencial de diagnóstico, note-se.

Com pouco mais de seis meses no cargo, vimos o antigo deputado do baixo clero reencarnar no presidente. E ainda com mais virulência. Havia algo de meio apalhaçado no parlamentar que, de vez em quando, atraía a atenção da imprensa em razão do exotismo frequentemente estúpido do que dizia.

A personagem exibia um quê de “clown” meio abobalhado. Suas micagens ideológicas não rendiam nem debate nem divergência substantiva porque primitivas, desinformadas e simplórias na sua truculência. É impossível responder a quem nem errado consegue estar.

Se, antes, manejava só a própria opinião desengonçada, detém agora instrumentos de Estado. E tudo o que fala tem consequência. Aqui e no mundo.

O homem é insubordinável à institucionalidade porque não a reconhece. Como não reconhecia a hierarquia quando pertencia ao Exército. Jamais coube no uniforme do bom soldado.

Nunca pretendeu, vê-se agora, governar efetivamente o país. Ele quer o poder de mando, o que é coisa distinta. Um governante negocia, tenta convencer, concede e obtém concessões de adversários.

O atual inquilino do Palácio do Planalto só entende manifestações de rebeldia —como a sua quando militar— e de obediência. Vê-se no papel de líder de uma pretensa revolução moral que vai enterrar o “socialismo”.

O, por assim dizer, pensamento do presidente e de parte da sua tropa não tem fundamento econômico, político, jurídico ou administrativo. Os fantasmas, cumpre lembrar, fantasmas são porque alheios e imunes ao mundo real.

Não é improviso, mas há muito de loucura no tal método. Incapaz de entender ainda que rudimentos de economia e gestão, houve por bem deflagrar uma nova guerra ideológica já de olho em 2022. O país mal saiu da ressaca pesada do ano passado.

Está de volta o defensor da ditadura, o apologista da tortura, o justificador de decapitações em presídios, o inimigo do meio ambiente, o adversário dos índios, o zombeteiro dos direitos humanos, o fanático das armas, o depreciador de minorias, o propagador do ódio à imprensa livre...

A quem fala Bolsonaro? Aposta em manter unida a sua tropa nas redes sociais e antevê, no outro extremo, a radicalização do discurso das esquerdas. Estas, até agora, não morderam a isca, ainda que seja mais por inapetência e desorientação do que por sagacidade.

Esse jogo que consiste em manter aniquilado o centro e seus matizes —centro-direita e centro-esquerda— e em travar batalhas finalistas com uma esquerda radicalizada vai dar certo? Tudo leva a crer que não. E nem tanto em razão de atores internos.

Logo Bolsonaro vai perceber que a reforma da Previdência não basta para recolocar o país no rumo do crescimento e que um governante que tem mais motosserras na língua do que há, já em penca, nas florestas afasta investidores e ameaça a economia.

Antes que seja bem-sucedido na sua guerra doméstica contra fantasmas, o mundo pode transformá-lo e ao país em párias. A capa desta semana da liberal *The Economist* traz o título “Relógio da morte para a Amazônia”.

Um dos tocos de árvore que a ilustram tem o formato do mapa do Brasil. No miolo, pode-se ler: “O mundo deve deixar claro a Bolsonaro que não vai tolerar seu vandalismo”.

Ou ainda: “Empresas de alimentos, pressionadas pelos consumidores, devem rejeitar a soja e a carne produzidas em terras amazônicas exploradas ilegalmente. Os parceiros comerciais do Brasil devem fazer acordos atrelados a seu bom comportamento [ambiental]”.

As boçalidades ditas pelo presidente e por auxiliares contra o Inpe ganharam o mundo. No melhor dos cenários para o futuro do país e da democracia, o bufão logo começará a ser vítima de sua própria concepção de mundo.

Se não consegue aprender nada com os livros, receberá lições da carne e da soja. E, então, ou o método da loucura cede às imposições da realidade, ou essa realidade botará Bolsonaro para correr. Antes que consiga disputar a reeleição.

Da FSP

80. CACHORRO LOUCO

Wanderley Diniz – FB 16 ago

O título reproduz a sabedoria popular que sempre viu em agosto o mais aziago dos meses, desde o assassinato de César. Entre nós não é diferente tantas são as efemérides que o

marcam como o mês do cachorro louco. Atento ao noticiário e sua análise, vou além e valendo-me do Barão de Itararé, arrisco: "há qualquer coisa no ar além dos aviões de carreira".

O desastre, previsível desde a abertura das urnas, dia-a-dia se evidencia, ganhando força e tinta à medida que o tempo avança, até o absurdo dos fatos que hoje são noticiados como corriqueiros, como também deveriam parecer na ascensão de Hitler, Stalin, Franco, Mussolini e Salazar, entre outros, por cujos desmandos até hoje pagamos.

Os exemplos são tantos que me dispense em citá-los. Alguns jocosos, como a pastora que viu Jesus na goiabeira, não fosse ela uma ministra de Estado voltada ao desmanche dos direitos humanos pelos quais deveria velar. Na Educação, pilar básico do desenvolvimento, catapultado por evidente incompetência, o colombiano é sucedido por esse incrível Weintraub, que confunde cafta com Kafka enquanto rói o edifício.

Na Agricultura, liberdade total ao veneno nosso de cada dia. Alertas sobre a brutal mortalidade das abelhas, essenciais à polinização, são ignorados. Coisa desses amalucados veganos, dizem, liberando a invasão de terras indígenas sob o reinado da moto-serra. Nenhuma palavra mais sobre o assassinato do cacique e de dezenas ou talvez centenas de outros mortos não tão evidentes.

As declarações presidenciais, quando não de submissão explícita aos interesses do que há de pior nos Estados Unidos, primam pela escatologia. Para frear o efeito estufa, coma e cague menos, dia sim, dia não, pois a defecada diária é privilégio presidencial. E, ei-las, não apenas pela verborragia, que ameaça dividir o país pelo tamanho regional das cabeças, mas em medidas assustadoras como a eliminação dos radares em nossas estradas da morte.

Transcrevi em dias anteriores, mas sobretudo hoje, artigos de analistas de formação e posições políticas as mais diversas, todas convergindo para o desastre anunciado. Reinaldo Azevedo, anti-petista de carteirinha, pede vergonha na cara ao Senado, na avaliação do fritador de hambúrguer que o pai quer ver como representante brasileiro em nossa mais importante embaixada, alertando, também, para as futuras indicações para o STF e PGR.

Na grande imprensa, silêncio absurdo sobre o acordo Brasil-Paraguai, onde o presidente é capaz de perder o mandato por crime de lesa pátria. Por acaso, esse denunciado acordo favorecia o propalado imperialismo brasileiro, ou apenas a uma empresa, chamada Leros, de notória ligação com o ministro Ricardo Salles, dito do Meio Ambiente?

Intromissões indevidas em assuntos internos de nossos vizinhos de fronteira, tornaram-se corriqueiras. Ameaçamos coonestar uma invasão à Venezuela, de cuja energia elétrica Roraima depende. E agora, à Argentina, o nosso terceiro maior parceiro comercial, caso o seu povo defenestre o presidente Macri. "Se for o caso, abandonamos o Mercosul", bravateia o posto Ipiranga que ontem gabava-se do acordo, que apenas concluiu, com a Comunidade Europeia, que pode não sancioná-lo em razão de nossa política anti-ambientalista.

Não vou citar, porque o transcrevi, artigo de hoje, na Folha de São Paulo, sobre edital de concorrência do STF, para aquisição de material de proteção aos seus integrantes até mesmo contra granadas e coquetéis molotov. Digam-me: isso não é de apavorar até mesmo aos cachorros loucos?

Razões existem, de sobra, para o impeachment presidencial, seja por estas ou pela insistente falta de decoro. Duvido que sejam propostas pelo simples fato de que provocariam a convocação de novas eleições. Portanto, até que o vice-presidente possa assumir e terminar o mandato, não importa o que venha a acontecer.

Mesmo que prossiga, até o fim, a desconstrução em marcha do Brasil e que o país, ao seu final, seja definitivamente lançado à latrina, com a descarga presidencial.

81. "Bolsonaro é incapaz de construir discurso coerente": especialistas franceses analisam linguagem do presidente

<http://br.rfi.fr/brasil/20190815-bolsonaro-incapaz-construir-discurso-coerente-especialistas-franceses-analisam>

Por [Marcos Lúcio Fernandes](#) Publicado em 15-08-2019 Modificado em 15-08-2019 em 17:43

O presidente Jair Bolsonaro afirmou na sexta-feira (9), em resposta a um questionamento de um jornalista sobre maneiras de preservar o meio ambiente, que bastava "fazer cocô dia sim, dia não". Em reação à polêmica gerada, o chefe de Estado retrucou, na segunda-feira (12), que não era um "vaselina", um "politicamente correto" ou muito menos um "isentão". "Aqui é resposta direta", disse. O discurso do dirigente foi um dos ingredientes de sua ascensão e vitória nas eleições de 2018, mas especialistas entrevistados pela RFI temem que a normalização dessa linguagem "crua" tenha consequências para a legitimidade do país, tanto no cenário internacional quanto no nível das instituições democráticas no Brasil.

Nas falas de Bolsonaro, há dois aspectos importantes: a forma e o público alvo, aponta Liz Feré, professora de Análise do Discurso na Universidade Sorbonne Paris 8. "E, nesse caso, não estamos falando apenas do eleitorado, mas de toda essa base que é de ordem da estrutura da sociedade. Temos aí os militares, os evangélicos, os lobbies que o apoiaram", afirma a pesquisadora, que ressalta a coerência dos pronunciamentos do presidente brasileiro com aquilo que ele representa.

"É uma forma discursiva comum nos países de líderes autoritários, como é o caso do ministro do Interior italiano, Matteo Salvini, ou do presidente americano Donald Trump, entre outros", acrescenta Liz Feré. As tiradas de Bolsonaro - "Não é compatível com um presidente? Votem em outro em 2022, é muito simples", para citar uma das mais recentes -, que fazem enorme sucesso entre seus apoiadores, são manobras para se esquivar de discussões sérias para as quais o chefe de Estado não tem preparo, analisa a especialista ouvida pela RFI.

Patrick Charaudeau, pesquisador francês e professor da Universidade Paris 13, faz uma comparação entre o discurso de Bolsonaro e o do ex-candidato à presidência francesa Jean-Marie Le Pen, na época do partido de extrema direita Frente Nacional (atualmente chamado Reunião Nacional). Segundo o especialista, os dois compartilham a mesma linguagem do "carisma do poder e

da brutalidade". "É um paradoxo: quanto mais um líder político se mostra brutal, mais ele terá o favoritismo de uma parte da população que se encontra frustrada", diz.

Quando estava visitando Ipanema, no Rio de Janeiro, Charaudeau ouviu um barulho que chamou sua atenção. Mais tarde ele se deu conta de que era um grupo de motoqueiros que faziam o sinal das armas com as mãos, como o presidente brasileiro. "Foi muito impressionante. Era o eco da brutalidade da linguagem de Bolsonaro", declara.

"Eu diria que ele é incapaz de construir um discurso coerente", declara Liz Ferré, sobre Bolsonaro. "Você vê que ele não fala dentro de um discurso público esperado de um chefe de Estado. Ele fala fora desse contexto protocolar de uma coletiva com jornalistas ou outros dirigentes, como se estivesse dentro de um âmbito de discurso privado, tomando uma cerveja num domingo com amigos."

Discurso de brincadeira

O problema com a linguagem "franca" e "crua" de Bolsonaro é que ela parece ignorar as regras das instituições que, apesar de seus defeitos, manteve uma certa ordem durante anos. "A atividade dos políticos no Brasil, sobretudo na esfera federal, é submetida a um código de ética e de comportamento voltado à segurança dos valores deontológicos e morais compartilhados pela sociedade. A constituição federal de 1988 prevê, aliás, a perda do mandato de um deputado ou senador que não respeitar os princípios de dignidade ou integridade", explica Ingrid Bueno Peruchi, professora na Universidade Paris Nanterre e analista do discurso do Brasil contemporâneo.

Para a pesquisadora, o estilo de comunicação de Bolsonaro reforça seu lado "outsider" e o aproxima ainda mais do povo, que leva suas falas "na brincadeira". "A adoção de um comportamento e de uma comunicação baseados na ética permite uma atividade política mais transparente e democrática e assegura uma representação e um respeito de todos", lembra Bueno Peruchi. Ela ressalta que o presidente brasileiro nega, em seu discurso, o apoio a minorias LGBT, mulheres ou comunidades indígenas para restaurar "uma tradição e os direitos de uma suposta maioria conservadora".

As táticas discursivas de Bolsonaro não são inovadoras e são investigadas há muitos anos. Birgitta Dresp, especialista do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS, na sigla em francês), estuda o assunto e consegue descrever o passo-a-passo para produzir esse tipo de linguagem. Ela cita, por

exemplo, as contradições entre vários assuntos, o uso de mentiras que podem ser provadas com fatos, a recusa em responder uma questão que acabou de ser feita ou respostas inadequadas.

"A maneira como um discurso será recebido por uma audiência não depende apenas de seu caráter verídico ou tangível, mas sobretudo da capacidade do orador de captar a atenção da audiência", diz Birgitta Dresp. "É um processo de sedução e não de comunicação no sentido científico do termo. A sedução ocorre por meio de vários mecanismos: o chocante pode seduzir às vezes até mais do que que é agradável. Tudo é uma questão de contexto no discurso político."

A questão principal, de acordo com Liz Feré, é que, ao invés de questionar e cobrar um posicionamento mais de acordo com as normas internacionais da retórica de um presidente, boa parte dos apoiadores de Bolsonaro gostam dele justamente por sua atitude de provocação diante das instituições políticas clássicas. "Ele ganhou as eleições exatamente com esse discurso, por causa desse discurso. O mais grave é que foi se instalando, aos poucos, essa possibilidade de aceitar isso", analisa.

Entre os estudantes estrangeiros de Liz Ferré, o espanto é generalizado, mas existe uma dificuldade em explicar como esse tipo de retórica passou a ser normalizada. "Nem Trump, nem Salvini fazem derrapagens tão nítidas, fortes e violentas quanto nós temos no Brasil. Para um país que emergiu na cena internacional, hoje nós temos uma ridicularização provocada pelo chefe de Estado, seu comportamento, as palavras utilizadas", critica a professora.

Discurso do presidente brasileiro em Davos Captura de vídeo

Quatro pontos do discurso populista

Patrick Charaudeau, que organiza nesse momento um colóquio sobre o discurso populista, aponta quatro características claras desse tipo de tática. "O primeiro ponto é uma vitimização. Existe a fabricação de um bode expiatório, que pode ser interior ou exterior. No caso da França, há um inimigo duplo: os migrantes que podem vir e aqueles que já estão integrados", explica.

A segunda questão é a "diabolização de um culpado": um partido de oposição, os comunistas, os marxistas... "Aqui na França é a União Europeia, uma culpada exterior. A extrema direita e a esquerda radical veem a UE como um alvo em comum, produzindo um discurso que é um pouco parecido. No Brasil, o PT poderia ser considerado um culpado interior", analisa.

"O terceiro ponto é o apelo ao povo, mas quem é o 'povo'?", questiona Charaudeau. "Em geral, os políticos se dirigem ao povo como um todo, mas em alguns casos trata-se do povo branco, ou negro, ou os ricos, ou a classe média..." O pesquisador chama a atenção para o uso de alguns termos para se comunicar com a população de forma fragmentada, tendo apenas uma parte como destinatário. Algo que poderia ser aplicado à expressão "cidadão de bem" no Brasil.

Por fim, nesse contexto, nasce a figura do "homem providencial", que salvará o "cidadão de bem" dos "inimigos". "É preciso um líder carismático, representante do povo. Aliás, ele é o próprio povo, há uma espécie de fusão entre o líder e a população. Mas há dois casos diferentes, pois alguns líderes africanos não se apresentam como parte do povo, mas de uma forma paternalista, como o protetor do povo", explica, lembrando que seria preciso analisar a situação brasileira de perto para definir que tipo de análise seria a mais apropriada.

Repercussão na imprensa

A popularidade do presidente brasileiro, independentemente ou em consequência de seu discurso, chamou a atenção da comunidade internacional e de países ocidentais, como a França. [Em seu artigo "Jair Bolsonaro: um 'Messias' para o Brasil?"](#), escrito antes dos resultados das eleições, o analista em Geopolítica Ulrich Bounat, integrante do Comitê América Latina (ANAJ-IHEDN), ressalta os "mais de 8,5 milhões de seguidores [de Bolsonaro] nas redes". "Além dos Bolsominions, perfis diversos se encontram nos meetings de Jair Bolsonaro. Candidato favorito das classes favorecidas, sobretudo proprietários de terra, ele atrai os mais ricos mas também os que moram nas favelas (...) O programa, liberal e conservador, se inscreve na linha de direita de uma corrente política chamada Bancada BBB (Bala, Boi e Bíblia)", escreve Bounat.

[A revista francesa *Le Point* publicou um artigo em 17 de maio de 2019 falando do "discurso virulento" e "da linguagem corporal agressiva" do presidente.](#) No texto, dois especialistas em comunicação do corpo afirmam que os gestos do chefe de Estado se transformam quando ele está sob pressão. Eles ressaltam que ele demonstra mais conforto quando está entre seus parceiros, os militares, do que quando deve ser confrontado à imprensa - momento em que assume uma postura agressiva, reforçando a tese de Liz Feré de que seu "jeitão" nada mais é do que um "escudo" para disfarçar uma fragilidade ou despreparo.

Seu curto discurso no Fórum Econômico Mundial de Davos, em janeiro, uma das raras ocasiões onde se submeteu a uma linguagem mais protocolar e tradicional, foi duramente criticado e visto como "superficial" pela imprensa internacional. O jornal *Le Monde* afirmou, na época, que Bolsonaro fez o "serviço mínimo": "uma prestação concluída em menos de quinze minutos, pontuada por um convite para 'descobrir' o Brasil, suas praias e a floresta amazônica..."

O "discurso" de um chefe de Estado vai além de suas palavras - ou palavras - e também é analisado através de suas ações enquanto figura pública. Nesse contexto, a "desfeita" de Bolsonaro, que [se recusou a se encontrar com o ministro das Relações Exteriores francês, Jean-Yves Le Drian](#), em sua visita ao Brasil no fim de julho, gerou desconforto na diplomacia entre os dois países. "[Ao se exibir publicamente no cabeleireiro](#) [razão para a anulação apontada pelo chefe de Estado], Bolsonaro afirma sua soberania e seu desprezo pelo discurso moralizador de Paris em relação ao meio ambiente", escreveu a correspondente do *Le Monde*, Claire Gatinois, no dia 31 de julho.

82. Improperios internacionais

Que diabos há na cabeça de Bolsonaro ao hostilizar a Argentina e mexer com seus brios?

<https://politica.estadao.com.br/blogs/marco-aurelio-nogueira/improperios-internacionais/?fbclid=IwAR3p5x3kHLPc2Uam2d2a0pt38tOgFkp4bGqSns-75qGZ0YXWG0mKkskTsvE>

Marco Aurélio Nogueira - 15 de agosto de 2019 |

Ao dizer que "bandidos de esquerda" começaram a voltar ao poder na Argentina, por conta do resultado das primárias eleitorais em que o peronista Alberto Fernández derrotou Maurício Macri, o presidente Jair Bolsonaro. Comete erros aos borbotões. Mostra inédita grosseria antidiplomática e completa ignorância em temas e posturas de política externa.

Nunca foi razoável que se criem atritos entre Estados em função de disputas eleitorais próprias de cada país. A não ingerência em assuntos internos é cláusula pétrea nas relações diplomáticas, especialmente em termos retóricos, quer dizer, nos discursos e narrativas oficiais. No mínimo porque as consequências são sempre negativas.

A Argentina é um país fronteiro, parceiro em atividades econômicas, comerciais, militares. Com ela o Brasil compartilha histórias e interesses estratégicos. Ambos os países passam por dificuldades e enfrentam múltiplos desafios no plano fiscal, econômico, político e social. Mastigam, mastigam, mas não conseguem digerir os males que os afligem. Deveriam cooperar e trocar figurinhas.

Que diabos há na cabeça de Bolsonaro ao hostilizar a Argentina e mexer com seus brios? E se Fernández for o próximo presidente do país? Pontes estarão estremeçadas. Ele respondeu subindo o tom: Bolsonaro é “um racista, um misógino, um violento”. O clima azedou, e por certo as declarações não beneficiaram em nada a Mauricio Macri, que Bolsonaro considera seu aliado, ainda que entre a centro-direita de um e a extrema-direita de outro existam quilômetros de distância.

Tratar políticos de esquerda como “bandidos” só faz demonstrar a inaptidão democrática de Bolsonaro. Expressa uma discriminação estranha às regras do jogo da democracia representativa. É pura manifestação de preconceito e de vontade de posar de macho para fazer festa a seus seguidores mais fanáticos e obtusos.

Bolsonaro não conhece a fundo Alberto Fernández, que está longe de ser um “esquerdista incendiário” e tem uma biografia política muito mais complexa do que pensa a vã filosofia reacionária do presidente brasileiro. Não se trata de um clone de Cristina Kirchner. Tem dados indícios claros de ser um político equilibrado e com foco, coisas que faltam do lado brasileiro.

Seria muito melhor, mais adequado e mais inteligente que Bolsonaro cuidasse dos assuntos nacionais em vez de meter o bedelho onde não é chamado, intrometendo-se em assuntos que não lhe dizem respeito.

¿Por qué no te callás a tiempo, presidente?

83. Sem qualquer princípio ético ou moral, Bolsonaro nos levará ao abismo



https://www.cartacapital.com.br/opiniao/sem-qualquer-principio-etico-ou-moral-bolsonaro-nos-levara-ao-abismo/?fbclid=IwAR0nSHYHOI_2f-lbxxdmgTJ5ewng5u1l4yd1Ro-RTEzlove13yprnWfX2M

MILTON RONDÓ - 12 DE AGOSTO DE 2019

Há um quase consenso de que estamos, desde o golpe de 2016, sob um estado de exceção

“É um sinal de degradação nacional quando crianças pequenas são retiradas das escolas e são empregadas para ganhar salários. Nenhuma ação merecedora do nome pode se dar ao luxo de usar tão mal suas crianças. Pelo menos até os 16 anos elas devem ser mantidas na escola.”

Mahatma Ghandi

O presidente ilegítimo da República defendeu, recentemente, o trabalho infantil. Cabe perguntar como pode alguém que se aposentou aos 33 anos e cujos filhos jamais trabalharam, de verdade, ser tão hipócrita?

Ao mesmo tempo, nomeia o filho embaixador em Washington, sem a mínima qualificação, com salário superior a 50 mil reais mensais, morando em palacete, com carros, motoristas, cozinheiros e demais empregados custeados pelo erário público.

O absurdo toma maior magnitude quando se leva em conta que o desemprego bate recordes no País – 13 milhões de desempregados, 12% da força de trabalho – resultado da desastrosa política econômica, que praticamente inviabiliza qualquer crescimento neste ano.

Com efeito, constatamos todos os dias que esse senhor não tem qualquer princípio ético ou moral e nos levará celeremente ao abismo, ao inferno, literalmente.

► *Leia também:*

- **[Toffoli detalha atuação do STF para blindar Bolsonaro e manter Lula preso](#)**
- **[Política de Bolsonaro para o meio ambiente afunda a imagem do Brasil](#)**
- **[Justiça barra demissões de membros do Mecanismo de Combate à Tortura](#)**

O desmatamento da Amazônia teria crescido 258% com relação ao ano passado.

A destruição da Amazônia é tema de capa e reportagem principal da prestigiosa revista *The Economist*.

Por sua vez, artigo da revista *Foreign Policy*, que faz referência à matéria da *Economist*, alude à possibilidade, cada vez mais no horizonte do Norte, de invasão da Amazônia, sob o pretexto de conter o desastre ambiental e invocando o princípio humanitário da “responsabilidade de proteger”, para a legitimação da ocupação.

Cumpramos observar que todas as desastrosas intervenções do Norte começaram com esses balões de ensaio, supostamente independentes: artigos, reflexões etc.

Do lado dos, teoricamente, responsáveis pela defesa do País – os ministérios das Relações Exteriores e da Defesa – silêncio sepulcral e, lembrando o adágio popular, quem cala consente.

Talvez, justamente essa consciência de evidente abandono possa ser o amálgama da união das pessoas que ainda preservaram alguma lucidez, em meio a um mar de zumbis, que defendem trabalho infantil e escravo, redução da maioria penal, tortura, desmatamento, armamentismo, reconcentração de renda e riqueza etc.

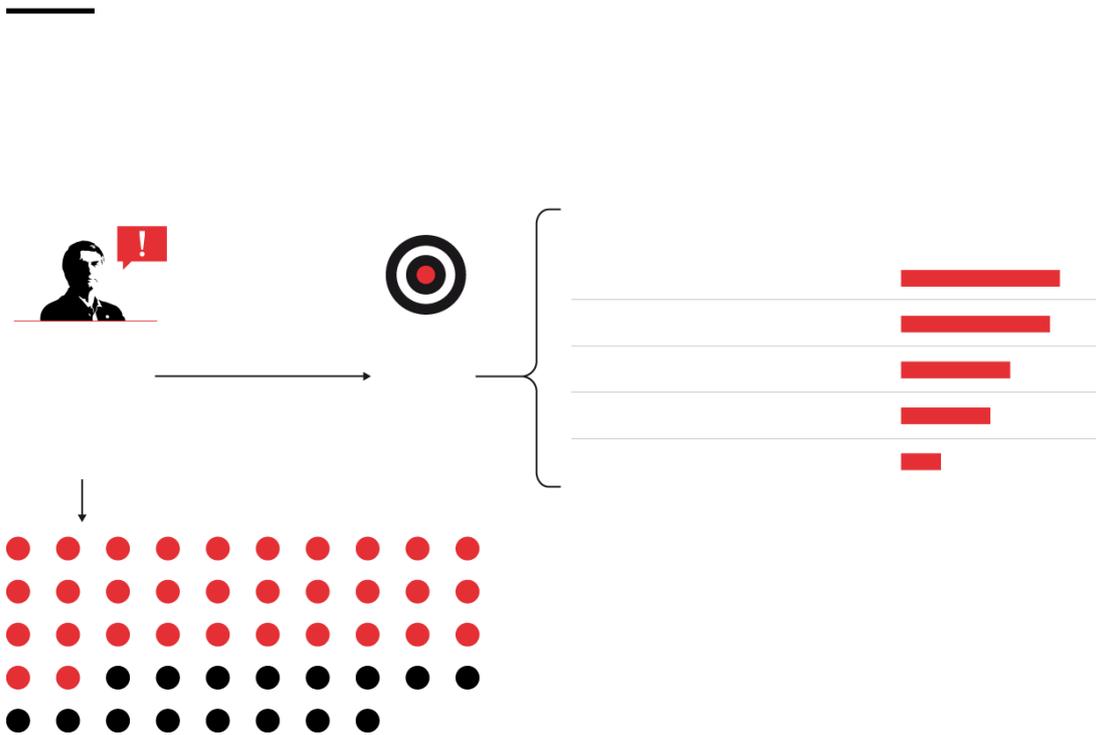
O Papa Francisco, o principal líder internacional, disse, em 6 de agosto, que “a Amazônia sofre com mentalidade cega e destruidora que favorece o lucro”.

Em consonância com o “ver, julgar e agir” da Encíclica *Mater et Magistra*, de São João XXIII, Francisco aduziu que o “homem não pode permanecer um espectador indiferente diante dessa destruição, nem a Igreja deve ficar em silêncio”. Sabiamente, agregou: “Por favor, não esqueçam que justiça social e ecologia estão profundamente interligadas”.

84. Site do GLOBO reúne em ambiente especial todos os insultos de Jair Bolsonaro. Levantamento contabilizou 58 frases

O Globo - 18/08/2019 - 07:37 / Atualizado em 18/08/2019 - https://oglobo.globo.com/brasil/site-do-globo-reune-em-ambiente-especial-todos-os-insultos-de-jair-bolsonaro-1-23885106?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar&fbclid=IwAR1xBCIXfxIlg4V1G7N88M0FR5WWQmag4AEs4OuiWuSpJIWwV91R9dRbEV4

RIO — Os insultos de Jair Bolsonaro têm se tornado mais frequentes e marcam uma virada na comunicação da Presidência da República. Levantamento do GLOBO contabilizou 58 frases ofensivas de Bolsonaro, direcionadas a 55 alvos diferentes, ditas em entrevistas e discursos, ou publicadas em suas redes sociais, desde o início do mandato. A coletânea de frases do presidente pode ser consultada em um ambiente especial. Veja o infográfico com todos os insultos do presidente



O GLOBO

TODAS AS OFENSAS DO PRESIDENTE

Levantamento mostra a escalada do tom de Bolsonaro

Quem são os alvos

Sociedade Políticos e partidos Instituições e dirigentes Imprensa Cultura

16

15

58 ataques

55 alvos

DIRECIONADOS A

11

9

4

55%

das declarações ocorreram nos últimos 30 dias

Editoria de Arte

85. Bolsonaro é listado como “fracasso” em relatório da ONU

https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/Bolsonaro+%C3%A9+listado+como+fracasso+em+relat%C3%B3rio+da+ONU?fbclid=IwAR08zlm0Df3x1N_eIGmdkSVwVpUge3jQh3WoMlImnh9Dj0H03ogR30ahaJug

[26 DE JUNHO DE 2019](#)

O documento sobre mudanças climáticas também faz duras críticas a Donald Trump

O Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas divulgou, nesta terça-feira 25, um documento sobre o impacto das mudanças climáticas na faixa mais pobre da população mundial. Nele, o relator especial Philip Alston fez duras críticas ao presidente Jair Bolsonaro, o qual ele chamou de “fracasso”.

“No Brasil, o presidente Bolsonaro prometeu abrir a Floresta Amazônica para a mineração, acabar com a demarcação de terras indígenas e enfraquecer as agências e proteção ambientais”, citou o americano.

Em 2018, o Brasil anunciou ter desistido de ser sede da Conferência do Clima da ONU neste ano. Bolsonaro sempre foi crítico de discussões sobre o aquecimento global, mas a justificativa oficial foi a falta de verba para receber o evento.

Alston também fez críticas a Donald Trump e também o classificou como “fracasso”. Os Estados Unidos sofreram, desde a década de 1980, 241 desastres climáticos, o que custou mais de 1 bilhão de dólares.

“Nos Estados Unidos, até recentemente o líder global em emissões, o presidente Trump colocou antigos lobistas em cargos de supervisão, adotou argumentos da indústria, liderou um movimento de reação contra as regulamentações ambientais e está ativamente silenciando e ofuscando a ciência climática”, disse.

86. “O plano de Bolsonaro é manter domínio sobre 30% do eleitorado e se tornar o Lula de direita”

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/30/politica/1564505948_833127.html

Para o cientista político Christian Lynch, professor da UERJ, o bolsonarismo se constrói como um PT ao contrário. “Não tem projeto de Governo, apenas de poder”

Lynch argumenta que falta de articulação da esquerda fortalece Bolsonaro. (REUTERS)

BREILLER PIRES - SÃO PAULO - 31 JUL 2019 - 15:44



- Bolsonaro joga para a torcida

Na última década, o Brasil vivenciou a gestação, o apogeu e o declínio de uma “[Revolução Judicialista](#)” na opinião do professor e pesquisador Christian Edward Cyril Lynch, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ. Formado em direito e especializado em ciência política, ele define o termo como uma espécie de absolutismo ilustrado, que legitimou a atuação política do poder jurídico. Lynch cita a Operação Lava Jato como máxima expressão desse fenômeno, que, em sua concepção, foi capitaneado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pela Procuradoria-Geral da República (PGR). [O cenário de terra arrasada](#) deixado pelo protagonismo das decisões do Judiciário, explica o professor em entrevista ao EL PAÍS, teria sido decisivo para a ascensão da extrema direita no país e, também, para o colapso da esquerda depois da [prisão de seu último grande expoente](#), o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Pergunta. Como a Lava Jato e o STF se encaixam neste seu conceito de “Revolução Judicialista”?

Resposta. A politização do Judiciário e do Ministério Público acontece na esteira do apodrecimento do sistema político. Mas esse processo não é capitaneado pela Lava Jato, mas sim pelo Supremo e o Ministério Público. Seria impossível implementar a Lava Jato não fosse o respaldo do Rodrigo Janot [ex-procurador-geral da República] e dos ministros do STF. A Lava Jato é o apogeu da Revolução Judicialista, que ganhou forma com liminares para suspender a posse da filha do Roberto Jefferson, do [Lula como ministro](#) e a

ordem de afastamento contra o presidente da Câmara [Eduardo Cunha]. Antes, o STF se limitava a exercer o poder moderador e proteger a democracia dos exageros autoritários, como um guardião dos valores republicanos. Mas, após assumir a hegemonia até então exercida pelo Exército, a partir da Constituição de 88, o Judiciário gradativamente extrai atribuições de outros poderes. No auge desse processo, o grau de terra arrasada foi tão grande que colocou em descrédito todo o espectro político.

P. Por que o processo não se consolidou após a ascensão do poder judiciário?

R. A Lava Jato deixou terra arrasada na política. Depois de devastar os poderes Executivo e Legislativo, restou apenas o Judiciário, que se dividiu e também se desmoralizou. Nesse cenário, [o bolsonarismo ficou sozinho](#) como única força organizada. Todas as outras foram destroçadas, sobretudo a esquerda.



Christian Lynch.

P. Acredita que, depois de tantos anos em torno do poder, partidos de esquerda perderam capacidade de articulação?

R. [Enquanto Lula está preso](#), a esquerda não reage nem consegue fazer nada. Ao longo do tempo em que o PT esteve no Governo, houve acúmulo de desgastes e brigas com muitos aliados. A partir daí, ela se mostra incapaz de traçar um plano de aglutinação e alianças para fazer frente ao bolsonarismo, que deveria incluir até mesmo generais e setores das Forças Armadas. Parece estar esperando o Lula ser solto para saber qual é o próximo passo. A esquerda ficou acéfala. Só vai conseguir se articular outra vez quando a atual situação se desgastar. E, aparentemente, isso ainda vai demorar.

P. Os liberais parecem buscar um encaixe nessa configuração polarizada. Como enxerga as recentes autocríticas de correntes como o [Movimento Brasil Livre \(MBL\)](#), por exemplo, que reconhecem ter contribuído para normalizar a agressividade na política?

R. O liberalismo é uma ideologia cosmopolita, que, ao chegar à América Latina, sentiu um desconforto ao não reconhecer nessa sociedade o modelo de indivíduo liberal. Erroneamente, tentou se estabelecer como arquétipo as práticas estabelecidas nos Estados Unidos e na Inglaterra. Por isso, os liberais continuam olhando com estranheza para o povo, como se fosse gente patrimonialista, sem cultura e sem capacidade para entender o que é a liberdade. Esse é um problema crônico dos liberais brasileiros. Com ranço elitista, utiliza-se o eufemismo de *sociedade civil* para se referir à elite do povo. [O liberalismo de direita no Brasil](#) deixou de ter caráter doutrinário para se consolidar como um ideal de liberdade sem apreço por igualdade, sem sensibilidade social, onde se encaixam movimentos como o MBL e o [Partido Novo](#). É natural que se sintam desconfortáveis diante de um Governo que só tem o Paulo Guedes como representante liberal. Mas isso só acontece porque a esquerda praticamente desapareceu. Caso ela se revigore, os grupos ditos liberais voltarão a colar no bolsonarismo.

P. Sérgio Moro, hoje ministro da Justiça, não poderia ser considerado um liberal?

R. Moro se reposicionou. Antes, ele era percebido pela maioria das pessoas como juiz suprapartidário, liberal, de centro, na linha de frente do combate à corrupção. Sua funcionalidade era botar abaixo todo o *establishment* ou, pelo menos, a situação política que governou o país de 2003 a 2016. Quando vai para o Governo, ele se mostra oportunista —não no sentido pejorativo da palavra. Mas é a partir da [divulgação das mensagens pelo The Intercept](#) que o ministro ficou mais à vontade. Aderiu de vez ao bolsonarismo e se tornou um reacionário. Agora, ele se afasta da figura de juiz e, definitivamente, faz parte do Governo como um prócer do bolsonarismo. A [Vaza Jato desacreditou Moro](#) nos setores liberais e de centro, onde sempre teve boa cotação. Abandonado por essas alas, suas raízes ficaram menos espalhadas, mas muito mais aprofundadas como um jurista bolsonarista. E ele está cada vez mais seguro e confortável em sua nova posição.

P. Mas os vazamentos não complicam seus planos dentro do Governo?

R. O que ele sempre quis é chegar ao STF. Hoje, é muito melhor ser ministro do Supremo que presidente da República. O Moro não poderia ser nomeado ao Supremo sem antes pagar pedágio no ministério da Justiça. Não existe precedente de juiz de primeira instância virar ministro. Ele não se encaixava nos pré-requisitos. Com sua integração ao Governo, porém, o presidente acabou transformando a Lava Jato em [obra do bolsonarismo](#). Pelo cenário de polarização, as mensagens vazadas têm uma repercussão muito menor do que poderiam ter para mudar a opinião pública. As pessoas se tornaram resistentes aos fatos. Não existe mais verdade. Essa é a arma de combate cotidiano da extrema direita.

P. [Os filhos de Bolsonaro](#) rejeitam o rótulo de extrema direita atribuído ao Governo do pai. Como você vê isso?

R. Não enxergo nada além do Bolsonaro à extrema direita, que é um conceito que muda com o tempo e não significa a mesma coisa em todos os países. Qualquer extremo se inclina ao autoritarismo. Na Venezuela, [Chávez e Maduro instituíram um Governo](#) de extrema esquerda, que é bem diferente do extremismo da Revolução Russa. Já a extrema direita não se resume a Hitler, Franco ou Salazar. Tecnicamente, Bolsonaro e seus filhos estão na extrema direita do espectro político brasileiro. Se o atual Governo sair da extrema direita para a direita tradicional em 2022, já terá sido um grande avanço.

P. Mesmo que radicalize ainda mais o discurso, Bolsonaro seguiria com capital político para uma eventual reeleição?

R. O bolsonarismo se constrói como um PT ao contrário. Algo como “se o PT fez, Bolsonaro também pode fazer”. Ele não tem [projeto de Governo](#), mas apenas de poder. Seu único plano é manter o domínio sobre 30% do eleitorado e se tornar uma espécie de Lula de direita nos próximos anos. É um anti-Lula, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução em modo reverso. Pro PT, isso representa um beco sem saída. O partido está obrigado à radicalização caso queira manter a hegemonia da esquerda, competir no discurso e fazer contraponto ao bolsonarismo. Enquanto isso, [Bolsonaro segue cultivando o eleitorado fiel](#) com sua cota diária de paranoias e disparates, controlando as narrativas nas bolhas ideológicas.

P. As repercussões políticas da Lava Jato foram determinantes para sua vitória?

R. Para restablecer a ordem em meio ao esfacelamento do sistema político, a coalizão formada em torno do Bolsonaro é muito semelhante à de 1964, com militares estatistas, liberais e reacionários, liderados por um presidente disposto a resgatar o Brasil profundo do passado. O conservadorismo instalado pelo Governo [não será desmoralizado](#) de um dia para o outro. Na época da ditadura, foram necessários 10 anos para que a sociedade começasse a desalojar os militares.

P. O que viria a ser o resgate de um “Brasil profundo”?

R. É um discurso rudimentar e infantil, que promete destruir tudo aquilo que fizeram de mal ao país. **Para Bolsonaro, Rio de Janeiro e São Paulo soam como lugares subversivos, em que a solução para proteger o cidadão é levar o [comando de órgãos como a Ancine](#) para Brasília.** Sua obsessão é reduzir o povo à figura de um caminhoneiro provedor, o pai de família cumpridor de seus deveres e conservador, que todas as noites reúne os filhos e a mulher em volta da mesa.

87. Bolsonaro es una amenaza para el planeta

El candidato de extrema derecha ya ha anunciado medidas que dejarán vía libre para la deforestación de la Amazonia

ELIANE BRUM - 17 OCT 2018 - 00:00 CEST

https://elpais.com/elpais/2018/10/16/opinion/1539703285_985671.html?id_externo_rsoc=FB_CC&fbclid=IwAR1Ws6Sh48n37pM4VUfQp6o6-DUFBZSPSWjJ7T6FKjeoLdt0eDnFFtE1dwg

El candidato ultraderechista del partido PSL a la presidencia de Brasil, Jair Bolsonaro, el pasado 11 de octubre de 2018, en Río de Janeiro (Brasil). En vídeo, la Amazonia arde a ritmo récord. EFE | EPV

[Jair Bolsonaro](#), al que llaman “desto” en las redes sociales, no es solo una amenaza para Brasil, sino para el planeta. El candidato de extrema derecha, que encabezó [la primera vuelta de las elecciones de Brasil](#), con el voto de casi 50 millones de brasileños, puede ganar la segunda vuelta, el 28 de octubre. Si se convierte en presidente de Brasil, ya ha avisado de que pretende seguir a Donald Trump y sacar a Brasil del Acuerdo de París, que busca controlar el calentamiento global. Él y sus seguidores también ya han anunciado varias medidas [que permitirán deforestar la Amazonia](#). La selva, de la que ya se ha destruido el 20%, está peligrosamente cerca del punto de inflexión. A partir de

ahí, la mayor selva tropical del mundo se convertirá en una región con vegetación rala y baja biodiversidad. Y el combate global a los efectos del cambio climático será un desafío casi imposible.

MÁS INFORMACIÓN



EDITORIAL | La democracia, en peligro

[El ultraderechista que flirtea con el fascismo](#) ya ha anunciado que pretende fundir el ministerio del Medio Ambiente con el de Agricultura, y que el ministro de esta aberración será “definido por el sector productivo”. Lo que Bolsonaro llama “sector productivo” es tanto la agroindustria como los *grileiros*, criminales que se apropian de tierras públicas por medio de sicarios. En Brasil, parte de la agroindustria se confunde con los *grileiros* y estás representada en el Congreso por lo que se denomina “la bancada del buey”.

El frente más poderoso del Congreso reúne parlamentarios de diferentes partidos conservadores y ha tenido un papel muy activo en el avance sobre las áreas protegidas de la Amazonia en los últimos años. Quiere transformar las tierras indígenas y las áreas de conservación, hoy las principales barreras contra la devastación de la selva, en pasto para bueyes, plantaciones de soja y extracción mineral. En estas elecciones, han anunciado que apoyan a Bolsonaro. [El Partido Social Liberal](#) (PSL) de Bolsonaro, —que engordará la “bancada del buey”—, ha pasado de tener un diputado a tener 52, convirtiéndose en el segundo mayor partido de la Cámara a partir de 2019.

[Bolsonaro](#) ya ha garantizado a los grandes hacendados y *grileiros* que va “limitar las multas ambientales”. “¡Ningún fiscal canalla os va a poner recetas!”, dijo en julio. “Derechos humanos, ¡lo que faltaba pal duro!”. También dijo que no habrá “ni un centímetro más para tierras indígenas” y defendió que las que ya están demarcadas se puedan vender. Entusiasta de la dictadura que controló Brasil entre 1964 y 1985, también ha declarado que “pondrá un punto final en el activismo chiita ambiental”. El candidato, que exalta la tortura, afirma que “las minorías tienen que curvarse a la mayoría” o “simplemente desaparecer”.

Solo la posibilidad de ser elegido ha funcionado como una especie de autorización para deforestar la selva y matar a los que la protegen. Varios casos de violencia contra líderes y asentamientos de campesinos han tenido lugar en la Amazonia en estas elecciones. Brasil ya es el país más letal para los defensores del medio ambiente. Con Bolsonaro, esta violencia debe explotar.

Quien cree que la posibilidad de que Brasil sea gobernado por un hombre [declaradamente racista, misógino y homofóbico](#) es solo otra rareza de América Latina no ha entendido que, en tiempos de cambio climático, la amenaza llega a su puerta.

Traducción de **Meritxell Almarza**.

88. Bolsonaro é o 3º líder mais mal avaliado da América Latina, revela pesquisa.



https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-e-o-3o-lider-mais-mal-avaliado-da-america-latina-revela-pesquisa/?fbclid=IwAR3cdHC_dcgUiWh6_WWhrd4Xd1YZ4kEtw68PAI4Z4XfVK0AZzGMwVAOibM

[22 DE AGOSTO DE 2019](#)

O presidente brasileiro está à frente apenas dos dirigentes de Cuba e Venezuela

O presidente brasileiro Jair Bolsonaro é o terceiro líder da América Latina mais mal avaliado, estando à frente apenas dos dirigentes de Cuba – Díaz-Canel – e Venezuela – Nicolás Maduro.

Foi o que revelou a pesquisa do instituto Ipsos, divulgada nesta quinta-feira 22, que entrevistou 403 pessoas. O levantamento foi realizada entre os dias 27 de junho e 24 de julho deste ano. Foram ouvidos líderes de opinião e jornalistas reconhecidos de meios de comunicação latino-americanos.

► **Leia também:**

- **Incêndios na Amazônia: 118 ONGs assinam manifesto contra Bolsonaro**
- **Bolsonaro culpa "ONGs que perderam grana" por incêndio na Amazônia**

O presidente da Venezuela é o líder mais mal avaliado, com 3% de aprovação. Já o dirigente de Cuba é o segundo com 18 % seguido de Bolsonaro com 29%. No total, foram avaliados os líderes de 12 países: Brasil, Venezuela, Bolívia, Uruguai, Argentina, Equador, Chile, Peru, Colômbia, Cuba, México e Panamá.

PUBLICIDADE

O presidente mais bem avaliado foi Sebastian Piñera, do Chile, que ficou com 68% de aprovação. Em seguida ficou Tabaré Vázquez, presidente do Uruguai, com 65%.

Foi na Bolívia que Bolsonaro teve seu melhor desempenho, com 44% de aprovação. Já na Colômbia é o caminho inverso e foi o país que o presidente tem mais rejeição, 85%.

89. Bolsonaro cometeu crime de lesa-pátria e Brasil pode perder a Amazônia, diz Janio de Freitas

<https://www.brasil247.com/midia/bolsonaro-cometeu-crime-de-lesa-patria-e-brasil-pode-perder-a-amazonia-diz-janio-de-freitas>

"É improvável que nesta altura não haja, nos Estados Unidos e na Europa, cabeças especulando sobre controles internacionais. O Brasil não teria força, de espécie alguma, para impedi-los por si mesmo", diz o jornalista

25 de agosto de 2019, 06:07 h

247 – O jornalista Janio de Freitas avalia que o Brasil corre o risco de perder a soberania sobre a Amazônia, em razão dos estímulos ao desmatamento concedidos por Jair Bolsonaro. "É improvável que nesta altura não haja, nos Estados Unidos e na Europa, cabeças especulando sobre controles internacionais. O Brasil não teria força, de espécie alguma, para impedi-los por si mesmo", diz ele, em [artigo](https://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodef Freitas/2019/08/duas-obviedades.shtml) publicado neste domingo, na Folha de S. Paulo.

Duas Obviedades

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodef Freitas/2019/08/duas-obviedades.shtml>

"Duas obviedades de dimensão amazônica em Jair Bolsonaro e seu governo. Uma, o descumprimento de obrigações determinadas pela Constituição, para o meio ambiente e outros fins; outra, o desrespeito a tratados internacionais. Daí resultante, a permissividade concedida à exploração ilegal da Amazônia, cerceada até a aferição científica do dano territorial, tem relação íntima com crime de responsabilidade. Ou lesa-pátria. Jair Bolsonaro pôs o mundo contra o Brasil."

90. Governo Bolsonaro: a prova que os “demônios” existem

IHU.UNISINOS.BR

Governo Bolsonaro: a prova que os “demônios” existem

"Bolsonaro e membros de seu Governo são agentes do Mal (o Antirreino de Deus), que - hipócrita e oportunisticamente - pretendem institucionalizar e legitimar, usando o nome de Deus em vão e falsificando o sentido do Evangelho, inclusive com as “bênçãos” de alguns líderes religiosos (padres, pastores e outros) ingênuos ou interesseiros", escreve Marcos Sassatelli, frade dominicano, doutor em Filosofia (USP) e em Teologia Moral (Assunção - SP), professor aposentado de Filosofia da UFG.

REVISTA IHU ON-LINE - 30 Agosto 2019 - Marcos Sassatelli, frade dominicano, fala sobre o governo Bolsonaro

Hoje, no Brasil, o Governo Bolsonaro é a prova que os “demônios” existem. As falas e as atitudes do presidente são tão perversas, iníquas, arrogantes e cínicas - sobretudo em relação aos pobres - que só podem ser de um “demônio”, apoiado por outros “demônios” (ministros, familiares e outros).

Bolsonaro e membros de seu Governo são agentes do Mal (o Antirreino de Deus), que - hipócrita e oportunisticamente - pretendem institucionalizar e legitimar, usando o nome de Deus em vão e falsificando o sentido do Evangelho, inclusive com as “bênçãos” de alguns líderes religiosos (padres, pastores e outros) ingênuos ou interesseiros. Um exemplo desse comportamento “demoníaco” (além de muitos outros: o incentivo ao porte de armas e à prática da violência; a exaltação da ditadura civil-militar, chamando torturadores de heróis; o aumento da desigualdade social; a destruição do meio ambiente; etc.) é a chamada Reforma (na verdade, Antirreforma) da Previdência.

Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil, “a Seguridade Social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à Saúde, à Previdência e à Assistência Social” (art. 194).

A Antirreforma da Previdência do Governo Bolsonaro é a destruição da Seguridade Social. Quem paga a conta dessa Antirreforma são os trabalhadores, sobretudo os que ganham menos. Os ricos tornam-se cada vez mais ricos às custas dos pobres cada vez mais pobres.

Temos muitos estudos e pesquisas científicas que - inquestionavelmente - mostram essa realidade “demoníaca”. (Para ter uma visão geral da situação, leia o artigo: Ivo Lesbaupin. A destruição da Previdência Social e o empobrecimento da população.

Os deputados e senadores que - sabendo disso (e todos sabem...) votaram e/ou votarão a favor da Antirreforma, são também verdadeiros “demônios”, que matam os pobres (e Jesus de Nazaré na pessoa dos pobres), mesmo quando - farisaicamente - se dizem cristãos, fazem parte da Frente Parlamentar Católica (ou Evangélica) e participam de Movimentos de Igreja como a Renovação Carismática Católica. Quanta hipocrisia! Quanto farisaísmo! Dá nojo!

Na “Mensagem da CNBB ao Povo Brasileiro” (7/5/19), os bispos - reunidos na 57ª Assembleia Geral (Aparecida - SP, 1-10/5/19) - declararam: “Nenhuma Reforma será eticamente aceitável se lesar os mais pobres” (premissa maior). Infelizmente, os bispos não completaram o raciocínio (o silogismo). Como profetas, deveriam ter acrescentado: “A Antirreforma da Previdência do Governo Bolsonaro lesa os mais pobres” (premissa menor). Portanto, “ela não é eticamente aceitável” (conclusão). Quem sabe, um pouco de lógica aristotélico-tomista não poderia ajudar os bispos!

Como Igreja que - no Brasil e no mundo de hoje - tem uma missão profética - nunca esqueçamos as palavras de Santo Oscar Romero: “Num país de injustiças, se a Igreja não é perseguida, é porque é conivente com a injustiça”.

Parabéns à Arquidiocese de Londrina pelo testemunho profético que nos deu, posicionando-se de maneira clara - com coragem e sem medo - contra a Antirreforma da Previdência do Governo Bolsonaro. A nossa solidariedade a todos os irmãos e irmãs da Arquidiocese, que - por causa de sua postura evangélica - recebem inúmeros ataques. Estamos com vocês!

Ah, se todas as Igrejas no Brasil tivessem tomado ou tomassem a mesma posição da Arquidiocese de Londrina! Infelizmente, a omissão e o comportamento “diplomático” (no Evangelho não existe “diplomacia”) são duas

faces “demoníacas” do pecado estrutural da Igreja. “Que o sim de vocês seja sim, e o não seja não. O que passa disso vem do demônio” (Mt 5,37).

Não percamos a esperança! A vitória é nossa! “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem! Eu venci o mundo (do Mal)” (Jo 16,33)

91. Impeachment ou cassação da chapa? Saída de Bolsonaro volta à pauta



https://www.cartacapital.com.br/?p=90969&fbclid=IwAR1L3rDGOYhNLhqsIU64koqRww2zJ5IezrCspSuKA_bR5IHufJHiO1emMF8

ANDRÉ BARROCAL - 31 DE AGOSTO DE 2019

Crise ambiental, alta da desaprovação do governo e CPI das Fake News ressuscitam conjecturas

Em conversa a portas fechadas em 26 de agosto sobre o País e o governo, Jair Bolsonaro comentou: “Eu vou embora do Brasil”. Quem o ouvia quis entender o que ia por sua cabeça: “Vai levar quem?” A resposta foi uma daquelas homofobias presidenciais: “Sou hétero, só minha mulher”. O interlocutor saiu com a impressão de que Bolsonaro já assimila a ideia de não terminar o mandato.

Na véspera, Eduardo Bolsonaro havia tuitado sobre a necessidade de o pai usar a *web* para enfrentar jornalistas, os quais retratariam o presidente como igual a antecessores. “Quando as pessoas forem hipnotizadas para ter este pensamento será o fim. Sairá o único presidente eleito sem amarras, capaz de mudar o sistema, e entrará um bundão a servir este *establishment*”, escreveu o deputado.

► **Leia também:**

- **Nos delírios de Jair Bolsonaro, a Amazônia tem dono: Donald Trump**
- **A necropolítica de Jair Bolsonaro é inconciliável com a vida**
- **No Brasil governado por Jair Bolsonaro, é só ferro no agronegócio**

Por “bundão”, presume-se que se referia ao vice-presidente. Hamilton Mourão foi personagem em Brasília quando, entre o fim de março e o início de abril, figurões discutiam se o País aguentaria quatro anos de Bolsonaro. Uma história contada na edição de *CartaCapital* que circulou em 29 de março. Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal (STF), falou disso abertamente à *Veja* em agosto.

Pois a queda de Bolsonaro voltou a ser assunto em Brasília, no embalo da crise amazônica e do avanço de sua impopularidade. No dia em que ele falou em deixar o País, soube-se que 39% dos brasileiros acham seu governo ruim ou péssimo, 10 pontos acima dos que acham bom ou ótimo. Aprovação e desaprovação caminhavam juntas desde abril, pelos 30%, 32%.

Advogado e ex-juiz, o deputado Luiz Flávio Gomes, do PSB paulista, diz: será difícil Bolsonaro reverter a impopularidade, vai chegar a hora de apresentar um pedido de *impeachment*. E ele, Gomes, diz que apresentará. “A lei do *impeachment*, a 1.079, de 1950, prevê 67 hipóteses de crime de

responsabilidade. O Bolsonaro já violou umas 20. Ele vai cair pelo conjunto da obra”, afirma.

Impeachment no Congresso? Ou cassação da chapa Bolsonaro-Mourão? Há no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) uma ação a pedir a cassação por disseminação de mentiras na campanha. A ação tende a ser abastecida pela CPI das *Fake News* prestes a ser instalada. O comando da investigação será da oposição. A relatoria da CPI deverá ficar com a deputada Lídice da Mata, do PSB da Bahia.

► **Leia também:**

- **Milícias ideológicas de Jair Bolsonaro ameaçam as instituições**
- **Jair Bolsonaro e os herdeiros do general linha-dura Sylvio Frota**
- **Jair Bolsonaro perpetua opressões com sua retórica destrutiva**

CartaCapital ouviu de dois deputados de partidos diferentes que depor Bolsonaro no TSE talvez seja a melhor solução para as elites políticas. A começar pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia, do DEM do Rio, articulador da criação da CPI, proposta por um deputado do DEM, o paulista Alexandre Leite.

Se Bolsonaro sofrer *impeachment*, Mourão assume, e este é visto como lobo em pele de cordeiro. Se o ex-capitão cair no TSE, Mourão cai junto. Se a chapa fosse cassada até 2020, haveria nova eleição direta. De 2021 em diante, eleição indireta, restrita a parlamentares. E, nesse caso, o favorito seria Maia. Assumir o Palácio do Planalto não seria uma boa para Maia disputar o poder em 2022?

“O debate sobre a permanência do Bolsonaro é inevitável”, diz o líder do PT no Senado, Humberto Costa, de Pernambuco. O PT, recorde-se, era contra quando o tema ensaiou despontar, há cinco meses. Era cálculo político. Bolsonaro em cena ajudaria os petistas eleitoralmente. “Parece que as elites já perceberam que o Bolsonaro é um estorvo, veja o agronegócio”, afirma Costa.

Eleitor do ex-capitão em 2018 e ex-ministro da Agricultura, o fazendeiro Blairo Maggi vê estragos rurais com a crise amazônica. Agora há risco lá fora para um setor que cresceu só 0,1% no primeiro semestre. “Os setores exportadores tiveram grande trabalho de refazer essa imagem do Brasil e mostrar que temos controle de desmatamento e de todas questões ambientais. Tínhamos conseguido superar bem esse assunto. Mas agora teremos que refazer tudo isso”, disse Maggi à *BBC*.

“A base de sustentação desse governo é frágil. Por isso, lamentavelmente, não se pode descartar que a gente tenha de enfrentar o debate sobre o afastamento do presidente”, diz o líder da oposição no Senado, Randolfe Rodrigues, da Rede do Amapá. “O que sustenta esse governo são o Paulo Guedes e o Sergio Moro. Se eles saírem, não vai sobrar nada.”

Guedes é o ministro da Economia. No primeiro semestre, o PIB cresceu só 0,7%. Na pesquisa que constatou 39% de desaprovação do governo, a CNT/MDA, a impopularidade é de 48% entre os mais pobres (renda até 2 salários mínimos). Metade dos brasileiros dizia ter medo de perder o emprego. O otimismo com a abertura de vagas era de 51% em fevereiro e caiu a 36% em agosto.

O ministro da Justiça é outro que garante pontos de aprovação ao governo e que parece bambear no cargo. Bolsonaro não para de desmoralizar Moro, já enrascado em conversas secretas de seu tempo de juiz da Operação Lava Jato, reveladas pelo *Intercept*. Em Brasília, circula que, se Moro quiser sair,

João Doria, o governador tucano de São Paulo, o receberia de braços abertos na equipe.

Quanto menor for o ibope do ex-capitão, mais à vontade estarão as elites políticas e econômicas para contestar a permanência dele no poder

92. Vox: rejeição a Bolsonaro dispara e atinge 40%!

Pior desempenho do presidente (sic) é no Nordeste

30/08/2019 - <https://www.conversaafiada.com.br/politica/vox-rejeicao-a-bolsonaro-dispara-e-atinge-40>

Da Agência PT de Notícias:

Entre abril e agosto deste ano, a avaliação negativa de Jair Bolsonaro como presidente saltou de 26% para 40% dos eleitores consultados em pesquisa nacional Vox Populi, enquanto a aprovação caiu de 26% para 23%, junto a uma queda de 39% para 35% dos que consideram seu desempenho “regular”. Apenas 2% não responderam à questão. A reprovação representa a soma dos que consideram o desempenho “ruim” (13%) e “péssimo” (27%, ou mais de um quarto dos pesquisados), enquanto a aprovação soma apenas 18% de “bom” e 5% de “ótimo”.

A reprovação à maneira como o presidente faz política, às ideias que defende e ao modo como se relaciona com as pessoas e os opositores, o chamado “bolsonarismo”, aumentou de 30% para 47%, ou quase metade dos pesquisados. A aprovação ao “bolsonarismo” despencou de 30 para 23% no mesmo período, enquanto os que se consideram “neutros” nessa questão passaram de 30% para 27%. Só 4% não responderam à questão. Lula continua sendo o melhor presidente para 50% das pessoas.

[Clique aqui e acesse a íntegra da pesquisa](#)

A queda expressiva da avaliação do desempenho de Bolsonaro verifica-se em todas as regiões e segmentos de sexo, idade, renda, escolaridade e religião, segundo o levantamento que ouviu 1.987 pessoas em 119 municípios entre 23 e 26 de agosto. A pesquisa, contratada pelo PT, tem margem de erro de 2,2% e capta os impactos da aprovação da reforma da Previdência na Câmara, a crise das queimadas na Amazônia e os ataques do presidente aos governadores do Nordeste.

O pior desempenho do presidente se verifica no Nordeste (47% de negativo, 18% positivo e 32% regular), seguido do Sudeste (37%, 27% e 34%, respectivamente) e Norte/Centro-Oeste (35%, 22% e 41%). No Sul há praticamente um empate (29%, 32%, 34%). A reprovação a Bolsonaro entre homens cresceu de 29% para 35% e, entre mulheres, de 31% para 44%. Entre jovens, saltou de 29% para 40%; entre adultos, de 26% para 41%, e cresceu de 29% para 33% entre pessoas de idade madura.



A reprovação cresceu de 34% para 40% entre pessoas com ensino fundamental, de 26% para 39% entre as com ensino médio, e de 28% para 39% no ensino superior, tornando-se praticamente igual em todos os níveis de escolaridade. Entre pessoas de baixa renda saltou de 32% para 43%; na faixa de renda média, de 27% para 37%, e de 23% para 36% na renda alta. Entre os que se declaram católicos, a reprovação saltou de 33% para 42%. Entre os que se declaram evangélicos, a reprovação aumentou de 21% para 31%, empatando com a aprovação, que variou de 29% para 31%, com queda de 42% para 36% no “regular”.

Entre abril e junho, foi de 57% para 59% a percepção de que “o Brasil está no caminho errado”, enquanto passou de 33% para 31% a opinião de que o país está “no caminho certo”, com 10% que não responderam ou não sabem. 52% se declaram insatisfeitos em relação ao Brasil e 15% estão “muito insatisfeitos”, somando 67% de insatisfação, número semelhante aos 70% de abril. Os que se dizem satisfeitos são 29% e os “muito satisfeitos” são 2%, somando 31% (29% em abril).

Bolsonaro x Lula

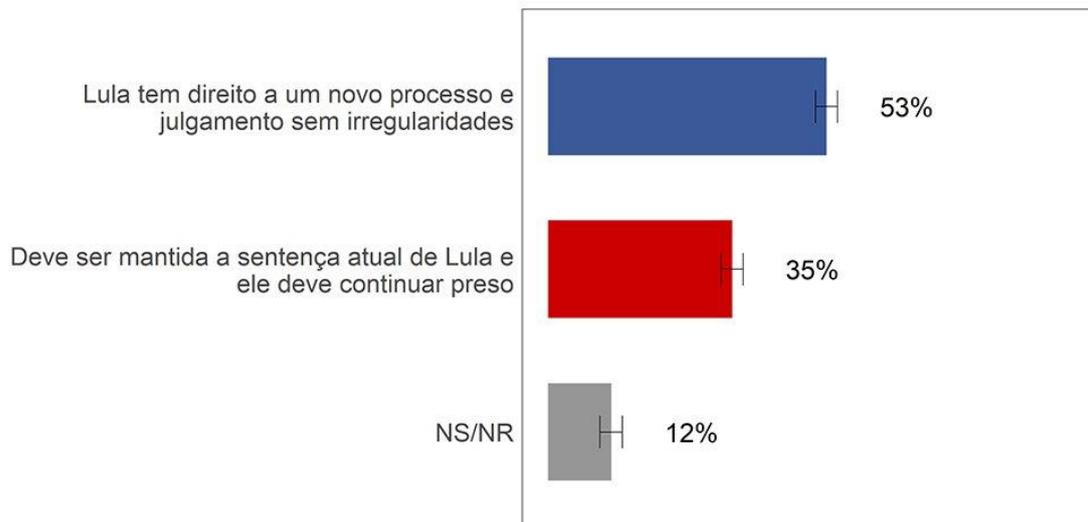
Comparando o governo atual e os anteriores, para 62% das pessoas o governo do ex-presidente Lula foi aquele em que tiveram “melhores condições de vida: emprego, maior renda, menor inflação, etc.” Apenas 5% consideram que Bolsonaro proporciona melhores condições de vida. Lula é considerado o melhor, por esse critério, até entre eleitores de Bolsonaro (32% contra 16% que dizem que o melhor governo é o atual). Para 50%, Lula é o melhor presidente que o país já teve. Seu governo foi positivo para 62%, regular para 23% e negativo para apenas 13%.

A Vox perguntou qual o sentimento “como pessoa” em relação a Lula, Bolsonaro e FHC. 30% disseram “gostar muito” de Lula, 11% de Bolsonaro e 5% de FHC. 23% disseram gostar “um pouco” de Lula, 20% de Bolsonaro e 18% de FHC. 22% “não gostam nem desgostam” de Lula, 24% de Bolsonaro e 38% de FHC. Os que “não gostam mas não chegam a detestar” Lula são 16%; de Bolsonaro, 23%, e de FHC, 17%. E os que dizem que “detestam, não gostam de jeito nenhum” de Lula são 8%; de Bolsonaro, 21%, e de FHC, 16%.

Em relação à pesquisa de abril, o percentual dos que gostam (muito + um pouco) de Lula como pessoa cresceu de 48% para 53%, o dos que não gostam nem desgostam passou de 26% para 23%, e o dos que não gostam (não chegam a detestar + detestam) permaneceu em 23%. Os que detestam ou não gostam de Bolsonaro como pessoa saltaram de 28% para 44%, os neutros caíram de 33% para 24% e os que gostam muito ou um pouco passaram de 18% para 30%.

Novo julgamento para Lula

A pesquisa também captou o sentimento da população sobre os diálogos entre Sérgio Moro e os procuradores da Lava Jato, revelados pelo site The Intercept Brasil e outros veículos desde 9 de julho. Apesar da censura da Rede Globo, 53% disseram ter tomado conhecimento dos diálogos em que Moro orienta a ação dos procuradores e revelam outras irregularidades proibidas por lei. Para 47% das pessoas pesquisadas, “Moro agiu de forma incorreta”, enquanto para 26% ele “agiu corretamente”, e 27% não sabem ou responderam à questão.



Com base no que a imprensa divulgou, a Vox perguntou se Lula “deveria ter direito a um novo processo sem irregularidades, para que seja averiguado se ele cometeu ou não algum crime; ou a sentença deve ser mantida e ele continuar preso?”. 53% responderam que Lula “tem direito a um novo processo e um julgamento sem irregularidades”, enquanto 35% disseram que “deve ser mantida a sentença atual e ele deve continuar preso”. 12% não souberam ou não responderam.

“E, na sua opinião, o que o Supremo Tribunal Federal deveria fazer: anular a condenação e mandar soltar o Lula, abrindo um novo processo; ou manter a condenação e a prisão dele”, perguntou a Vox Populi. 47% responderam que o STF deve “anular a condenação e mandar soltar o Lula, enquanto 37% disseram que o STF deve “manter a condenação e a prisão de Lula”. 15% não responderam ou não souberam.

A Vox voltou a perguntar se a condenação e a prisão de Lula ocorreram por motivos políticos ou se foi um processo normal. O número de pessoas que dizem que a condenação foi política cresceu de 55% para 58% em relação à pesquisa feita em abril. Os que consideram a condenação normal caiu de 37% para 34% no mesmo período, permanecendo iguais os 8% que não responderam ou não souberam.

A avaliação de que Lula “cometeu erros, mas fez muito mais coisas certas pelo povo e pelo Brasil” passou de 65% em abril para 68% em agosto, enquanto passou de 30% para 28% o percentual dos que dizem que o ex-presidente “errou muito mais do acertou”.

